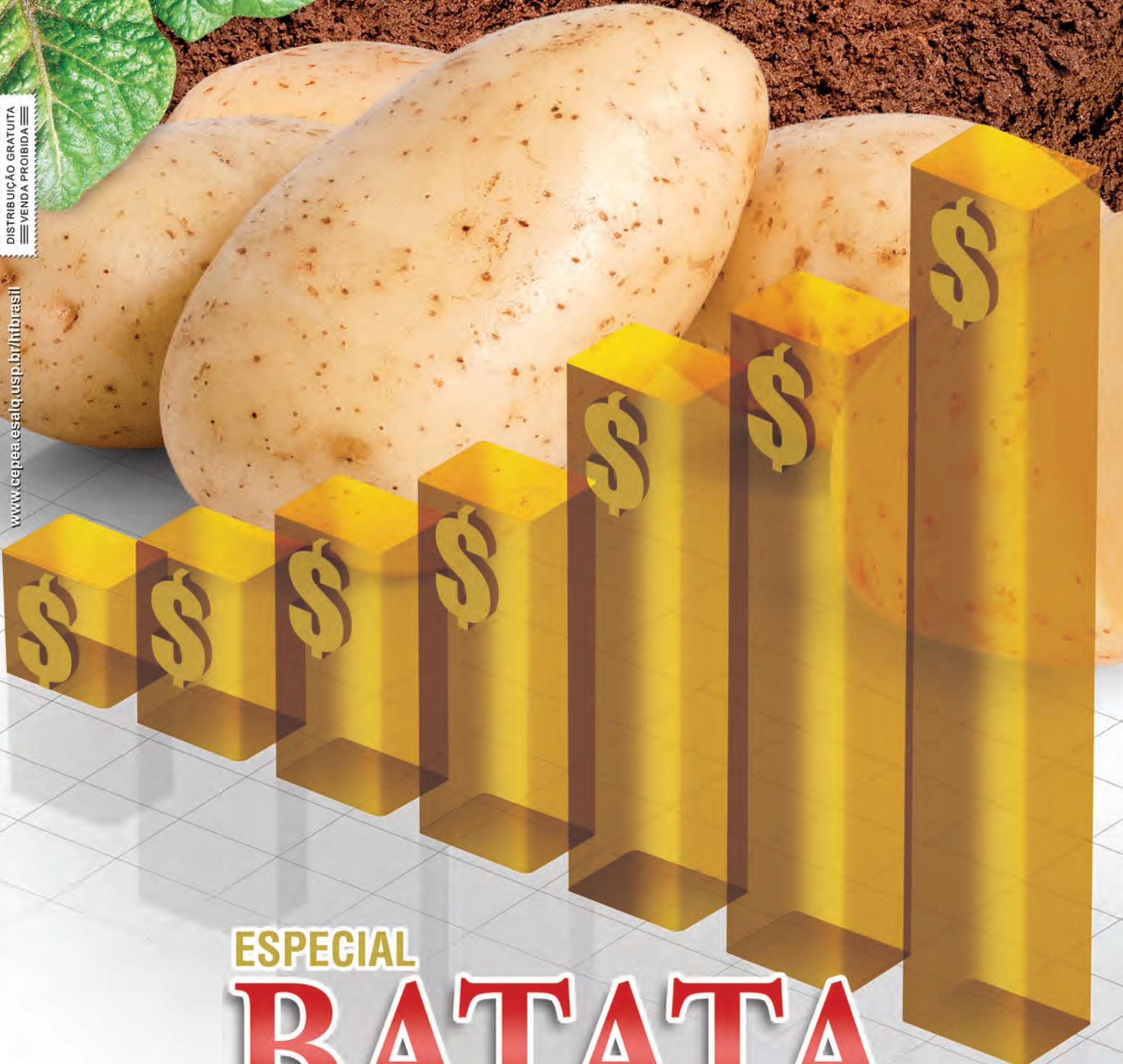


DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.cepea.esalq.usp.br/hfrbrasil



ESPECIAL **BATATA**

Como gerir a bataticultura com custos em alta e demanda em baixa?

RIDOMIL GOLD® BRAVO

CUIDA DA SUA PLANTAÇÃO, PROTEGENDO SEMPRE E COMBATENDO QUANDO NECESSÁRIO.

Ridomil Gold® Bravo é o pior inimigo da principal doença que ataca a sua plantação, a requeima na batata. Isso porque ele é o único que combina dois ativos poderosos: um sistêmico e outro protetor. Além disso, é resistente à chuva e tem grande aderência à planta. Com Ridomil Gold® Bravo, a sua plantação fica protegida e você fica tranquilo.



Restrição de uso no Estado do Paraná.
Informe-se sobre e realize o manejo integrado de pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO,
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.syngenta.com.br



EFICIENTE NAS CULTURAS DE BATATA, CEBOLA E TOMATE.



 **RidomilGold**[®]
Bravo

syngenta.

MBA USP ESALQ

ONLINE

- ✓ AULAS AO VIVO
- ✓ PROVAS E MATERIAL DE AULA
- ✓ INTERAÇÃO COM O PROFESSOR

O FUTURO É HOJE FAÇA PARTE

Gestão de Negócios
Marketing
Gestão de Projetos
Gestão Tributária
Gestão Escolar
Controladoria e Finanças
Agronegócios
Defesa Fitossanitária
Gestão em Cooperativas de Crédito

INSCREVA-SE

pecege.esalq.usp.br
Tel.: (19) 3377-0937
comunica@pecege.esalq.usp.br
fmbaesalqusp

EDITORIAL

ALTA DO CUSTO NÃO OCORRE SOMENTE NA PRODUÇÃO DA BATATA



João Paulo Deleo é o autor deste Especial Batata.

A **Hortifruti Brasil** chega à edição número 150! Mais do que uma centena e meia de revistas produzidas, a **Hortifruti Brasil** se consolida como uma fonte importante de pesquisa primária e análise do mercado hortifrutícola. E para comemorar, trazemos mais uma edição de custo de produção da batata, avaliado em face da crise econômica/fiscal e política que o País atravessa. A constatação da equipe Hortifruti/Cepea é que muitas das considerações feitas sobre o impacto do atual cenário nos custos da batata pode ser também replicado para outras culturas.

A mão de obra, por exemplo, segue em alta, conforme determina a lei brasileira de reajuste do salário mínimo. A energia elétrica e o óleo diesel já tiveram acentuado aumento neste ano, depois de o governo federal ter impedido reajustes antes das eleições. No caso da energia elétrica, a falta de chuvas acentuou a necessidade de reajustes das contas pagas por todos, à medida que requereu o acionamento de termoelétricas que têm custos mais altos. Para os combustíveis, o normal seria um recuo nos preços neste ano, visto que o petróleo se desvalorizou. Porém, com os problemas na Petrobras, também seguiram em alta. O câmbio, por sua vez, tem sido influenciado por questões externas (retomada do crescimento norte-americano) e internas (crises econômica, fiscal e política).

Para 2016, o cenário econômico brasileiro é de muitas incertezas. O consenso entre as previsões é que o dólar deve seguir em patamar elevado. Com isso, fertilizantes e defensivos não devem baixar; na melhor das hipóteses, seguirão com preços semelhantes aos do final deste ano. Energia elétrica e óleo diesel também seguem da mesma forma, podendo ter novos reajustes. Para a mão de obra, já é certeza que haverá aumento, dada a relação com o salário mínimo e a demanda das categorias diante da inflação. Com esse cenário, torna-se muito importante se atentar aos gastos, ter um uso racional dos insumos e principalmente, muito cautela nos investimentos.

El Niño chegou pra valer!

Por Renata Pozelli Sabio

A impressão que temos é que o calor do verão chegou mais cedo em quase todo o País neste ano, tomando espaço até do inverno. Boa parte dessa “loucura” climática se deve ao *El Niño*. Notícias apontam que o fenômeno está se intensificando e pode ser o mais forte desde 1997. No Brasil, isso quer dizer que a seca no Nordeste continua e pode ser mais intensa, enquanto no Sul as chuvas podem ser mais volumosas. A Administração Nacional de Oceanos e Atmosfera dos Estados Unidos já cogita a possibilidade de o fenômeno continuar influenciando o clima no início de 2016.

Rastreabilidade de HFs poderá ser implantada em SC

Por Júlia Belloni Garcia

Uma portaria da Secretaria da Agricultura de Santa Catarina publicada em setembro quer garantir a rastreabilidade de produtos vegetais *in natura* ou minimamente processados no estado, começando com a maçã e a banana. A rastreabilidade possibilita a identificação do processo de produção desde o campo até o supermercado, além conter de informações sobre os insumos utilizados, cuidados com o meio ambiente e o uso da água. Para aderir ao sistema, é necessário que o produtor faça o cadastramento e mantenha um caderno de campo com a descrição detalhada dos processos produtivos.

A HF Brasil por aí

Pesquisadores vão a campo levantar custo de batata



O pesquisador João Paulo Deleo e os analistas de mercado Felipe Cardoso e Guilherme Paranhos, que integram a equipe de batata do Hortifruti/Cepea, foram ao Sul de Minas Gerais e a Vargem Grande do Sul (SP) em agosto. A equipe se reuniu com produtores e técnicos locais para levantar os custos de produção de batata dessas regiões. Os resultados estão na *Matéria de Capa* desta edição.

HF Brasil apresenta panorama de mercado de hortaliças em evento no NE



Renata Pozelli e João Paulo Deleo, do Cepea, participaram de evento da Bayer nos dias 1º a 4 de setembro em Irecê e na Chapada Diamantina (BA). Em palestras, os pesquisadores apresentaram o panorama atual do mercado de hortaliças.

Pesquisadora participa de evento na Suíça



A professora Margarete Boteon, coordenadora da equipe Hortifruti/Cepea, participou nos dias 31 de agosto e 1º de setembro do Painel Consultivo sobre Sustentabilidade, organizado pela Syngenta e pela renomada escola de negócios IMD em Lausanne, Suíça.

A comunicação digital no setor de HF



Quero parabenizar os autores da matéria que exalta o uso dos meios digitais no campo. Daqui pra frente, será uma constante em nossas vidas, vieram para ficar, pois são ferramentas que facilitam nosso dia a dia nas negociações, para saber preços em outras praças e trocar conhecimento.

Diego Lirio – por e-mail

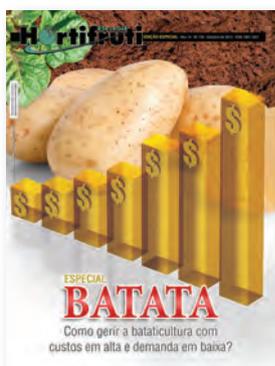
Ainda não uso a comunicação digital e achei a matéria muito interessante! Acho que as mídias digitais são importantes,

sim, mas devem ser consideradas também as outras formas de comunicação mais convencionais. A conversa pessoal é a mais persuasiva!

Lúcio Maia – São José dos Pinhais/PR

Como não resido na mesma cidade do meu negócio, meu gerente sempre compartilha fotos e informações dos estágios e situação da cultura. A comunicação digital se tornou indispensável nos negócios, permitindo agilidade de informações e decisões e

CAPA 8



O Especial Batata 2015 traz os custos de produção atualizados de Vargem Grande do Sul (SP) e Sul de Minas, além da análise da sustentabilidade do setor diante do aumento dos custos.

FÓRUM 41

Marcelo Cazzaroto e Marcos Roberto Franco são os entrevistados desta edição e comentam sobre os desafios do setor diante dos custos em alta.

SEÇÕES

BATATA		24
TOMATE		26
CENOURA		28
CEBOLA		29
FOLHOSAS		30
UVA		32
BANANA		33
MELANCIA		34
MELÃO		36
MAMÃO		37
CITROS		38
MAÇÃ		39
MANGA		40

EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Editora Científica: Margarete Boteon

Editores Econômicos:

João Paulo Bernardes Delele, Renata Pozelli Sabio, Letícia Julião e Larissa Gui Pagliuca

Editora Executiva:

Daiana Braga MTb: 50.081

Diretora Financeira: Margarete Boteon

Jornalista Responsável:

Ana Paula Silva Ponchio MTb: 27.368

Revisão:

Daiana Braga, Alessandra da Paz, Flávia Romanelli e Ana Carolina Wolfé

Equipe Técnica:

Amanda Ribeiro de Andrade, Ana Luisa Antonio Pacheco, Camila Augusto Carazzato, Carolina Camargo Nogueira Sales, Felipe Cardoso, Felipe Vitti de Oliveira, Fernanda Geraldini Palmieri, Jair de Souza Brito Junior, Júlia Belloni Garcia, Lucas Conceição Araújo, Mariana Coutinho Silva, Marina Marangon Moreira, Mariana Santos Camargo, Marília de Paula Stranghetti, Patrícia Geneseli, Tárík Canaan Thomé Tanus e Vanessa Vizioli.

Apoio:

FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:

Guia Rio Claro.Com Ltda
19 3524-7820

Impressão:

www.graficamundo.com.br

Contato:

Av. Centenário, 1080

Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429-8808

Fax: 19 3429-8829

hfcepea@usp.br

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.



HF BRASIL NA INTERNET

Acesse a versão on-line da Hortifruti Brasil no site:

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

@hfbrasil

@hfbrasil

@revistahortifrutibrasil

hortifrutibrasil.blogspot.com

Para receber a revista **Hortifruti Brasil** eletrônica, acesse www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade, faça seu cadastro gratuito e receba todo mês a revista em seu e-mail!

ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
ou para: hfcepea@usp.br

transparência. Mas a conversa por telefone e, principalmente, pessoalmente, sempre será essencial.

Fabício Rodrigues – Petrolina/PE

A comunicação digital é útil para meu controle de qualidade e acompanhamento de vendas. Uso muito o WhatsApp para compartilhamento de fotos, para acompanhar a entrega desde a produção até o cliente em tempo real. Porém, mesmo que a comunicação digital seja uma tendência, o contato pessoal, na busca de reforçar a aliança e o compromisso com a qualidade, é algo que não pode faltar em nenhuma empresa. Eu visito mensalmente meu cliente e busco ouvir pessoalmente dele suas queixas e elogios, o que reforça uma longa parceria.

Pedro Lucas Abreu – Tianguá/CE

Achei ótima a abordagem do assunto na edição de setembro. Uso Facebook e WhatsApp diariamente, compartilho fotos e fecho negócios de compra e venda. Acredito que não existam pontos negativos na comunicação digital, vai depender do modo que cada pessoa a usa. Acho que tudo é válido para atender o cliente. Temos que usar as mídias para atender melhor o cliente.

Hernandes Amorim – Irecê/BA

Achei muito interessante a matéria, é assunto que precisa ser melhor aproveitado. Uso a comunicação digital para divulgar conhecimento técnico e buscar informações sobre as atividades que se relacionam com a minha área de atuação profissional. A comunicação digital nos proporciona interatividade. Com certeza, veio para ficar no setor de HF.

Renato Rodrigues de Almeida da Costa – Nova Mutum/MT

Uso a comunicação digital em prol do meu trabalho por meio de aplicativos e e-mail, pelos quais recebo os pedi-

dos, envio boletos, folders etc. O lado positivo da comunicação digital é a agilidade de informações, e o negativo é a qualidade das conexões e o uso indevido. Sem dúvida, a comunicação via internet reduz os custos, mas os meios convencionais ainda serão importantes e necessários.

Kiozo Kitamura – Salvador/BA

Uso vários formatos de ferramentas digitais para divulgar informações técnicas, preços e mercado. A comunicação digital é fundamental para o desenvolvimento dos trabalhos no campo, seja na área de produção ou comercialização. Deve fazer parte da rotina diária de trabalho de qualquer profissional, contribuindo para o envio de informações do campo e do planejamento dos trabalhos periódicos. Hoje, vejo que é impossível trabalhar sem as ferramentas digitais para ser competitivo no mercado. Acredito que as mídias digitais e convencionais não impedem uma a outra para o funcionamento da empresa; uma pode ser potencializada pela outra, promovendo dinamismo necessário para a maximização dos resultados. Acredito que quem domina hoje a tecnologia da informação está à frente de seus concorrentes.

Sérgio Doliveira – Itapeva/SP

Utilizado várias ferramentas digitais para resolver pendências do dia a dia, como o Facebook, WhatsApp, e-mail e às vezes o Skype. A comunicação digital agiliza o trabalho, economiza combustível e nos deixa mais tempo no local de produção, afinal “o olho do dono é que engorda o boi”. Por outro lado, o contato com as pessoas é “frio”. Às vezes você “diz” algo que não é totalmente compreendido, pois em algumas mídias digitais não é possível expressar entonação. Sem contar que nos tornamos dependentes das mídias e quando falham, tudo para.

Thiago Borges – Cristalina/GO

PELE LISINHA, FIRME E SEM MANCHAS

Parece até tratamento de beleza, mas é a biotecnologia natural para aumentar a produtividade, sem deixar de lado a qualidade e rentabilidade da sua batata.

Fale com a nossa equipe e conheça o tratamento que a sua batata precisa.



COMO GERIR A BATATA EM ALTA E DEMANDA

A bataticultura terá novos desafios em 2016 e o produtor deve estar preparado para esse novo cenário que se está delineando para o setor. De modo geral, os custos devem se manter em ascensão enquanto a demanda doméstica deve ser mais limitada em 2016 - após anos de expansão por conta da melhoria da distribuição renda e ampliação do mercado consumidor brasileiro. Isso deve limitar altas do produto no varejo, apesar da pressão dos custos cada vez mais evidentes no setor produtivo e comercial. Esse cenário está muito relacionado à crise econômica, fiscal e política que passa o País hoje.

Em termos práticos, a alta do dólar, dos juros pagos pelo setor produtivo, da energia elétrica e do combustível impulsionar os custos de produção, ao mesmo tempo em que o consumidor se mostra menos propenso a gastar. Produtos alimentícios como a batata são menos suscetíveis à queda de consumo do que bens duráveis, por exemplo. Mesmo assim, o consumidor já está indo menos vezes ao supermercado e suas compras estão mais comedidas. E quando se pensa em produtos alimentícios com agregação de valor, como no caso das batatas pré-fritas congeladas, aí o impacto é um pouco maior

do que o sentido pelos básicos. Nesse sentido, o processamento nacional, que crescia recentemente a dois dígitos por ano, deve ter uma taxa de expansão menor neste e no próximo ano.

A combinação de todos esses fatores pressiona a rentabilidade da cultura e impõe novos desafios para o setor que já está acostumado a sobreviver com base no ganho de produtividade. Em poucas palavras, neste e no próximo ano, os custos devem se manter em ascensão enquanto a demanda doméstica deve ser mais limitada - após anos de expansão puxada pela melhoria da distribuição renda e consequente ampliação do mercado consumidor brasileiro.

Em tal contexto, a **Hortifruti Brasil** apresenta mais um *Especial Batata* com o objetivo de reforçar o quadro de informações que o produtor tem para gerir seu negócio. Nesta edição, estão reunidas informações atuais que proporcionam uma avaliação econômica de quatro estruturas típicas de produção de batata. A partir da análise da estrutura de custo bem como da influência da escala de produção é possível a identificação dos itens que mais pesam nos custos e também das ações que podem ser feitas de modo que o negócio seja sustentável no longo prazo.

GANHOS DE ESCALA PODEM REDUZIR CUSTOS DE PRODUÇÃO

A análise comparativa de duas escalas de produção em Vargem Grande do Sul (SP) (100 e 350 hectares) e de outras duas no Sul de Minas (8 hectares na safra das águas com 20 hectares na safra de inverno) permite a identificação de economias decorrentes justamente da escala adotada.

Em Vargem Grande do Sul (SP), a estrutura de 100 hectares representa a escala de produção mais comum ou típica em termos de número de produtores da região. Já as unidades produtoras de 350 hectares, apesar de estarem restritas a um pequeno número de produtores, já representam a maior parcela da produção regional.

Já no Sul de Minas, a maior parcela da produção e também de número de produtores é representada por uma estrutura de pequena escala na safra das águas e de pequena a média na safra de inverno. Um dos motivos para que a escala de produção média também passasse a ser considerada

típica no inverno deve-se à necessidade de investimento em irrigação, que se justifica com uma escala maior.

No geral, observa-se que fazendas de maior porte conseguem ter custos menores. Isso é mais evidente em Vargem Grande do Sul (SP), onde foram avaliadas duas escalas de produção em um mesmo período (inverno de 2014). A propriedade de maior escala obteve custo 21% inferior (por hectare e por saca) ao da propriedade de média escala. Essa redução de custo não está relacionada à maior produtividade, que foi a mesma para as duas na temporada de inverno de 2014. O fato é que a propriedade de maior escala permite investimentos em maquinários e maior integração das etapas da produção, fatores que, bem administrados, são importantes redutores de custo. Os principais fatores que influenciaram a redução de custo em Vargem Grande do Sul estão descritos no quadro a seguir.

ULTURA COM CUSTOS DA EM BAIXA?



EM VARGEM GRANDE DO SUL, PRINCIPAL ECONOMIA VEM DA MECANIZAÇÃO DA COLHEITA

Produzir em uma área maior, por si só, não é garantia de redução de custos e nem de aumento de produtividade, conforme mostram as pesquisas com unidades produtoras típicas de 100 e de 350 hectares na safra de inverno de 2014 na região. No entanto, escala maior permite investimentos em tecnologia que podem ser minimizadores de custo, isso porque, em uma área maior, dilui-se o custo fixo. A ampliação da unidade produtora de batata na região permitiu, por exemplo, investimento em colheita mecanizada, o que reduziu imediatamente o custo de mão de obra – este é o principal item de redução de custo comparativamente à escala menor.

Outro segmento que economiza com mão de obra à medida que a escala aumenta é o administrativo. Uma escala maior justifica/permite que seja montada uma estrutura de gestores mais completa e de menor custo por unidade produzida do que em uma propriedade pequena.

Na pesquisa, ficou evidente também que a maior escala permite um sistema mais integrado de produção: desde a produção própria da semente até a comercialização direta do tubérculo com os canais varejistas. Essa integração reduz os custos de terceirização, por exemplo, de viveiristas e intermediários de comercialização.

No caso da produção de semente, o custo por hectare da produção própria de semente na unidade de 350 hectares foi menor que na unidade de 100 hectares que compra de terceiros. O beneficiamento próprio também permite que o empreendedor consiga reter para si a margem da intermediação, bem como ter um melhor aproveitamento dos diversos canais de comercialização em função do tipo (tamanho/qualidade) da batata: desde o segmento *premium*, como as boutiques de hortifrutos, passando pelo mercado institucional e até o produto fora de padrão para as indústrias de batata palha.

A redução de custo por meio da mecanização e integração das atividades é significativa sobre os gastos operacionais e pode também ser obtida por empreendedores de pequeno e médio portes mediante o compartilhamento de bens e atividades.

O acesso à colheitadeira e a implantação de atividades que dispensem ou reduzam a terceirização não são baratos. Para se ter uma estrutura integrada e um maquinário que permita a colheita 100% mecanizada de 350 hectares, o investimento é em torno de R\$ 6.463.100,00 ou R\$ 18.466,00 por hectare. A título de comparação, o capital total imobilizado pela propriedade típica de 100 hectares de batata é de R\$ 838.750,00 ou R\$ 8.387,50/ha.

SUL DE MINAS: EM GRUPO, PRODUTOR DE MENOR ESCALA TAMBÉM PODE MECANIZAR E REDUZIR CUSTOS

Nesta região, o tamanho da área de produção não pode ser diretamente comparado com o propósito de se identificarem os fatores que ajudam a reduzir os custos. Isso porque se trata de safras distintas. No geral, independente da escala de produção, é mais barato produzir no inverno do que no verão porque a produtividade é maior. A diferença é que nem todos conseguem produzir no inverno, já que é necessário ter maior tecnologia, em especial um sistema de irrigação.

Como são necessários mais investimentos, exige-se também uma escala maior no inverno. Porém, mesmo com mais maquinário, o CARP (Custo Anual de Recuperação do Patrimônio) é muito menor. A fazenda típica de 20 hectares teve um CARP por hectare 46% menor que a fazenda de oito hectares.

Mais investimentos em maquinário permite que o plantio seja mecanizado, por exemplo, o que não é viável para um produtor que cultiva oito hectares, a menos que ele faça parte de um *pool* ou de uma cooperativa que adquira os equipamentos e compartilhe o serviço mecanizado.

Outras vantagens da safra de inverno são condições climáticas mais favoráveis e menor custo de arrendamento. Por ser um período seco, em geral, não há muita demanda por terras na região no inverno e o arrendamento é firmado a preços bastante inferiores aos do período das águas. Para viabilizar a safra, o produtor instala o seu próprio conjunto de irrigação no período em que estiver produzindo.



CUSTO DE PRODUÇÃO EM VARGEM GRANDE DO SUL

- MÉDIA ESCALA DE PRODUÇÃO (100 hectares)

Pelo nono ano consecutivo, membros da equipe **Hortifruti Brasil** reuniram-se com produtores e técnicos da região de Vargem Grande do Sul para apurar os custos de produção. A reunião aconteceu em 19 de agosto de 2015 na sede da Associação dos Bataticultores de Vargem Grande do Sul (ABVGS). O levantamento se referiu à safra de inverno 2014, mas também foi registrado o orçamento da safra de inverno 2015, ainda em andamento – o custo consolidado desta temporada será publicado no *Especial Batata* de 2016. Os resultados preliminares já permitem uma boa prévia dos custos da região na safra atual, como vem sendo feito ano a ano.

A propriedade típica de média escala de produção em Vargem Grande do Sul manteve seu perfil de 100 hectares cultivados com batata. Na safra 2014, a única alteração que houve no inventário de máquinas e equipamentos em relação à de 2013, publicada no *Especial Batata* anterior (nº 139), é a exclusão de uma das arrancadeiras de esteira, pois os participantes do último Painel acharam que uma apenas seria suficiente. Quanto ao rateio na depreciação de máquinas, implementos e benfeitorias, continua sendo feito em função do uso proporcional nas culturas da batata e nas demais – normalmente, o produtor tem pelo menos uma segunda cultura. O valor do barracão, pelo segundo ano con-

secutivo, foi alterado para baixo: estimado em 2013 em R\$ 150.000,00, passou para R\$ 75.000,00 em 2014, por uma decisão dos participantes que acharam que a estrutura estava superestimada – antes era prevista em 1.000 metros quadrados e, agora, em 500 metros quadrados, com um custo de R\$ 300,00 por metro quadrado em 2014 e uma estimativa de aumento de 10% para 2015.

Os demais itens permanecem como registrados nas edições anteriores: terra arrendada, sistema de irrigação sob pivô central e serviço de beneficiamento terceirizado. A pulverização continua sendo aérea por apresentar menor custo e maior rapidez, e os comentários que de alguns produtores estariam retornando para a aplicação terrestre por julgarem mais eficiente, não são uma tendência. As pulverizações com herbicidas são realizadas por trator.

Na consolidação da safra 2014, a produtividade média foi de 700 sacas de 50 kg por hectare, conforme previsto no *Especial Batata* do ano passado. No entanto, o custo unitário ficou maior que o orçamento estimado no ano anterior, uma vez que alguns itens se tornaram mais caros.

Para a temporada 2015, produtores preveem um acentuado recuo na produtividade média, que está estimada em 600 sacas de 50 kg por hectare, sobretudo devido a problemas climáticos no plantio e desenvolvimento das lavouras no início da safra.

MAQUINARIA DA PROPRIEDADE TÍPICA

A propriedade típica de 100 hectares de batata em Vargem Grande do Sul usa em suas operações:

- 3 tratores, sendo dois de 75 cv 4x4 e um de 110 cv 4x4
- 1 grade aradora
- 1 subsolador de 5 hastes
- 1 enxada rotativa
- 1 plantadora, sem adubadora, de quatro linhas
- 1 adubadora de quatro linhas
- 1 aplicador de adubo para cobertura
- 1 pulverizador de 2 mil litros com barra de 18 metros
- 1 arrancadora de batatas
- 1 fresadora de quatro linhas
- 1 guincho hidráulico
- 1 pá carregadora
- 1 tanque micron
- 1 tanque de 6 mil litros
- 1 pick-up de pequeno porte
- 1 caminhão

**CUSTO DE PRODUÇÃO TOTAL DE BATATA BENEFICIADA
PARA MÉDIA ESCALA DE PRODUÇÃO EM VARGEM GRANDE DO SUL (SP)
- SAFRAS DE INVERNO 2014 E 2015***

Itens	2014		2015*	
	(R\$/ha)	%CT	(R\$/ha)	%CT
(A) Insumos	7.014,67	25,55%	7.943,29	26,56%
Fertilizantes.....	3.958,30	14,42%	4.770,00	15,95%
Defensivos.....	3.056,37	11,13%	3.173,29	11,56%
(B) Sementes	5.000,00	18,21%	5.625,00	18,81%
(C) Operações mecânicas para preparo de solo	488,15	1,78%	528,15	1,77%
Grade aradora/Encorporação.....	254,51	0,93%	261,67	0,87%
Subsolagem.....	85,76	0,31%	102,12	0,34%
Enxada rotativa.....	86,21	0,31%	96,17	0,32%
Plantio.....	61,67	0,22%	68,19	0,23%
(D) Operações mecânicas para tratos culturais e amontoa	606,52	2,21%	618,42	2,07%
Adubação.....	75,66	0,28%	81,96	0,27%
Amontoa.....	39,38	0,14%	42,49	0,14%
Pulverizações de herbicidas.....	41,48	0,15%	43,97	0,15%
Pulverizações aéreas.....	450,00	1,64%	450,00	1,50%
(E) Irrigação	897,74	3,27%	1.197,43	4,00%
(F) Operações para colheita mecânica (arranquio)	198,06	0,72%	216,24	0,72%
(G) Mão de obra	1.742,83	6,35%	1.948,05	6,51%
(H) Catação no sistema de colheita semimecanizado	1.659,00	6,04%	1.560,00	5,22%
(I) Custos administrativos	1.039,08	3,78%	1.166,88	3,90%
(J) Comercialização/Beneficiamento	4.690,00	17,08%	4.500,00	15,04%
(K) Arrendamento	2.066,12	7,53%	2.272,73	7,60%
(L) Financiamento de Capital de Giro	1.172,31	4,27%	1.419,06	4,74%
(M) Custo Operacional (CO) = A + B +...+ L	26.574,47	96,79%	28.995,25	96,94%
(N) CARP	881,33	3,21%	915,11	3,06%
Custo Total (CT) = CO + CARP	27.455,80	100,00%	29.910,36	100%
Produtividade Média	700 sacas/ha		600 sacas/ha	
Custo Total por saca beneficiada	R\$ 39,22		R\$ 49,85	

A partir de 2008, a metodologia de cálculo de depreciação e custo de oportunidade do capital fixo foi alterada e hoje é calculada através do CARP. A fórmula do cálculo do CARP está descrita na edição de maio/09.

* Dados preliminares.



CUSTO DE PRODUÇÃO EM VARGEM GRANDE DO SUL

- GRANDE ESCALA DE PRODUÇÃO (350 hectares)

Pela primeira vez, a equipe **Hortifruti Brasil** calcula os custos de produção para uma propriedade típica de 350 hectares de batata na região de Vargem Grande do Sul (SP). A reunião com produtores e técnicos locais também aconteceu em 19 de agosto de 2015, na sede da Associação dos Bataticultores de Vargem Grande do Sul (ABVGS). Para essa escala de produção, também foram apurados o resultado final da safra de inverno 2014 e um orçamento para 2015, que deve ser publicado de forma consolidada no *Especial Batata de 2016*.

Não é só o tamanho da área que se altera quando se observa a estrutura de produção em 100 e 350 hectares. Há outras diferenças capazes de minimizarem muito o custo final da batata. A principal é que, em 350 hectares, torna-se possível a colheita 100% mecanizada, reduzindo-se muito o gasto com mão de obra. Outra diferença importante é a verticalização cada vez maior dos processos produtivos, como a produção própria de semente e também a comercialização da batata (beneficiamento e atacado).

Na região, para essa escala, produtores usam tanto terras próprias quanto arrendadas. O que muda entre uma modalidade e outra é que, no caso de terras próprias, o custo de oportunidade da terra é alocado fora dos custos operacionais, mas o valor não muda, já que a **Hortifruti Brasil** considera o valor do arrendamento como custo de oportunidade para terra.

O equipamento de irrigação (pivô central), em terras próprias, também seria incluído no cálculo de CARP, que avalia o necessário para a reposição do bem ao final de sua vida útil. Já no caso de arrendamento, normalmente, a terra já tem sistema de irrigação. Para melhor comparação com a fazenda de 100 hectares, optou-se por se considerar o plantio em área arrendada, já com a estrutura de irrigação.

A pulverização na escala de 350 hectares de produção também é aérea, e as pulverizações com herbicidas são realizadas por trator.

Como já mencionado, as produtividades médias são as mesmas para as duas escalas da região.

MAQUINARIA DA PROPRIEDADE TÍPICA

A propriedade típica de 350 hectares de batata em Vargem Grande do Sul usa em suas operações:

- 10 tratores, sendo dois de 75 cv (um 4x4 e outro 4x2), um de 85 cv, quatro de 110 cv 4x4, um de 120 cv, um de 145 cv, um de 160 cv e um de 240 cv
- 2 arados de 4 discos
- 2 grades aradoras
- 1 subsolador de 9 hastes
- Um distribuidor de calcário com taxa variável, para 10 toneladas
- 1 enxada rotativa
- 2 plantadoras, sem adubadora, de quatro linhas
- 1 adubadora de quatro linhas
- 2 aplicadores de adubo para cobertura
- 2 pulverizadores de 2 mil litros com barra de 18 metros
- 1 arrancadora de batatas
- 1 colhedora de batatas (colheita 100 mecanizada)
- 1 Hidrover
- 6 caçambas
- 2 fresadoras de quatro linhas
- 2 guinchos hidráulico
- 2 tanques micron
- 1 tanque de 6 mil litros
- 1 van
- 1 pick-up de pequeno porte
- 2 pick-up de grande porte
- 3 caminhões com sistema *roll on*

**CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE BATATA BENEFICIADA
PARA GRANDE ESCALA DE PRODUÇÃO EM VARGEM GRANDE DO SUL (SP)
- SAFRAS DE INVERNO 2014 E 2015***

Itens	2014		2015*	
	(R\$/ha)	%CT	(R\$/ha)	%CT
(A) Insumos	7.014,67	32,37%	7.943,29	33,90%
Fertilizantes.....	3.958,30	18,26%	4.770,00	20,36%
Defensivos.....	3.056,37	14,10%	3.173,29	14,64%
(B) Sementes	2.678,13	12,36%	2.620,82	11,18%
(C) Operações mecânicas para preparo de solo	337,02	1,56%	370,32	1,58%
Grade aradora/Encorporação.....	110,00	0,51%	121,69	0,52%
Subsolagem.....	47,98	0,22%	52,70	0,22%
Enxada rotativa.....	86,21	0,40%	94,73	0,40%
Plantio.....	92,83	0,43%	101,20	0,43%
(D) Operações mecânicas para tratos culturais e amontoa	566,60	2,61%	582,74	2,49%
Adubação.....	80,22	0,37%	88,04	0,38%
Amontoa.....	44,90	0,21%	49,31	0,21%
Pulverizações de herbicidas.....	41,48	0,19%	45,39	0,19%
Pulverizações aéreas.....	400,00	1,85%	400,00	1,71%
(E) Irrigação	1.032,30	4,76%	1.546,08	6,60%
(F) Operações para colheita mecânica	434,14	2,00%	471,53	2,01%
(G) Mão de obra (fazenda)	1.122,74	5,18%	1.125,14	4,80%
(H) Mão de obra (beneficiadora e câmara fria)	827,59	3,82%	827,59	3,53%
(I) Custos administrativos	845,45	3,90%	881,39	3,76%
(J) Comercialização/Beneficiamento	2.582,86	11,92%	2.471,43	10,55%
(K) Arrendamento	2.066,12	9,53%	2.272,73	9,70%
(L) Financiamento de Capital de Giro	907,78	4,19%	977,13	4,17%
(M) Custo Operacional (CO) = A + B +...+ L	20.415,39	94,20%	22.090,19	94,27%
(N) CARP	1.257,61	5,80%	1.341,64	5,73%
Custo Total (CT) = CO + CARP	21.673,00	100,00%	23.431,83	100%
Produtividade Média	700 sacas/ha		600 sacas/ha	
Custo Total por saca beneficiada	R\$ 30,96		R\$ 39,05	

A partir de 2008, a metodologia de cálculo de depreciação e custo de oportunidade do capital fixo foi alterada e hoje é calculada através do CARP. A fórmula do cálculo do CARP está descrita na edição de maio/09.

*Dados preliminares.



CUSTO DE PRODUÇÃO NO SUL DE MINAS GERAIS

- SAFRA DAS ÁGUAS – PERFIL TÍPICO DE 8 HECTARES

Os custos da safra das águas nessa região foram apurados pelo sexto ano consecutivo pela **Hortifruti Brasil**. A reunião com produtores e técnicos locais ocorreu no município de Pouso Alegre (MG), em 04 de agosto de 2015, na sede da Associação de Bataticultores do Sul de Minas Gerais (Abasmig). Os dados obtidos representam os custos finais da temporada das águas 2014/15. Para fins de comparação, repete-se nesta edição o custo da temporada 2013/14, que consta do *Especial Batata* de 2014.

O perfil de uma propriedade bataticultora típica na safra das águas no Sul de Minas mantém-se em oito hectares, não tendo retornado ao patamar de 10 hectares da safra 2010/11, nem mesmo após os bons resultados das temporadas 2012/13 e 2013/14. O motivo foi o receio da falta de água. As demais características da propriedade típica também foram mantidas. O cultivo predominante permanece em área arrendada e a maioria dos produtores ainda não adota sistemas de irrigação, já que a safra ocorre em período de chuvas. O baixo índice

pluviométrico na temporada, além de limitar a área de cultivo como um todo na região, também reduziu a produtividade média da região, que foi de 600 sacas por hectare, 9% menor que as 660 do ano passado.

Quanto ao inventário da propriedade, houve pouca alteração frente ao ano anterior, havendo o acréscimo de uma adubadora.

O CARP (Custo Anual de Recuperação do Patrimônio) continua sendo rateado entre as culturas do *portfólio* do produtor. Entre as regiões bataticultoras acompanhadas pelo Cepea, o Sul de Minas na temporada das águas é a que apresenta menor inventário de máquinas, já que os produtores são de pequena escala. As operações de plantio são feitas manualmente.

Os demais itens da estrutura de produção se mantiveram tais como registrados em 2014.

Na próxima safra, a 2015/16, a área típica ainda deverá permanecer em oito hectares, embora na temporada 2014/15 os resultados também tenham sido bons. O motivo é que não há sementes suficientes para uma expansão da lavoura.

MAQUINARIA DA PROPRIEDADE TÍPICA

A propriedade típica de batata no Sul de Minas usa em suas operações:

- 1 trator de 75 cv 4x4
- 1 trator de 90 cv 4x4
- 1 arado de 4 discos de 28 polegadas
- 1 grade niveladora
- 1 distribuidor de calcário de 600 kg
- 1 adubadora
- 1 carreta com capacidade para 3 toneladas
- 1 enxada rotativa
- 1 subsolador de 5 hastes
- 1 roçadeira de 3 hélices
- 1 pulverizador com barra hidráulica
- 1 arrancadora de batatas
- 1 sulcador com adubadora
- 1 adubadora de três linhas
- 1 pick-up de pequeno porte

**CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE BATATA BENEFICIADA
NO SUL DE MINAS GERAIS
- SAFRAS DAS ÁGUAS 2013/14 E 2014/15**

Itens	2013/14		2014/15	
	(R\$/ha)	%CT	(R\$/ha)	%CT
(A) Insumos	6.374,40	21,50%	6.728,28	21,14%
Fertilizantes.....	3.500,00	11,80%	3.700,00	11,63%
Defensivos.....	2.874,40	9,69%	3.028,28	9,51%
(B) Sementes	3.600,00	12,14%	3.960,00	12,44%
(C) Operações mecânicas para preparo de solo	743,78	2,51%	808,81	2,54%
Aração.....	310,64	1,05%	339,01	1,07%
Enxada rotativa/Encorporação.....	306,17	1,03%	331,41	1,04%
Subsolagem.....	88,67	0,30%	96,44	0,30%
Calcário.....	38,31	0,13%	41,95	0,13%
(D) Operações mecânicas para tratamentos culturais	322,21	1,09%	349,71	1,10%
Adubação básica.....	60,81	0,21%	67,17	0,21%
Adubação para cobertura.....	22,49	0,08%	24,55	0,08%
Pulverização de inseticidas.....	108,59	0,37%	117,27	0,37%
Pulverização de fungicidas.....	108,59	0,37%	117,27	0,37%
Pulverização de herbicidas.....	21,72	0,07%	23,45	0,07%
(E) Operações para colheita mecânica (arranquio)	368,64	1,24%	401,33	1,26%
(F) Mão de obra geral	2.833,80	9,56%	3.330,62	10,46%
(G) Catação no sistema de colheita semi-mecanizado	2.130,00	7,18%	2.088,57	6,56%
(H) Custos administrativos	1.961,04	6,61%	2.507,77	7,88%
(I) Comercialização/Beneficiamento	5.280,00	17,81%	4.800,00	15,08%
(J) Arrendamento	2.066,12	6,97%	2.479,34	7,79%
(K) Financiamento de Capital de Giro	1.065,57	3,59%	1.385,85	4,35%
(L) Custo Operacional (CO) = A + B +...+ K	26.745,56	90,20%	28.840,28	90,62%
(M) CARP	2.906,41	9,80%	2.986,75	9,38%
Custo Total (CT) = CO + CARP	29.651,97	100,00%	31.827,03	100%
Produtividade média	660 sacas/ha		600 sacas/ha	
Custo Total por saca beneficiada	R\$ 44,93		R\$ 53,05	

A partir de 2008, a metodologia de cálculo de depreciação e custo de oportunidade do capital fixo foi alterada e hoje é calculada através do CARP. A fórmula do cálculo do CARP está descrita na edição de maio/09.



CUSTO DE PRODUÇÃO NO SUL DE MINAS GERAIS

- SAFRA DE INVERNO – PERFIL TÍPICO DE 20 HECTARES

Esta é a primeira vez que a **Hortifruti Brasil** levanta os custos da safra de inverno no Sul de Minas Gerais. O Painel (reunião com produtores e técnicos locais) para a coleta de informações foi realizado em 04 de agosto de 2015, na sede da Abasmig, em Pouso Alegre – mesmo dia em que foram apurados os custos da safra das águas. Os dados obtidos representam os custos finais da temporada de inverno 2014. Como foi o primeiro estudo da safra na região, não é ainda possível fazer comparação.

Na safra de inverno, o perfil típico de produção é de 20 hectares, maior, portanto, que o das águas. O cultivo predominante é em área arrendada e todas as lavouras são irrigadas, já que a safra ocorre em período seco. As temperaturas mais baixas associadas à possibilidade de controle da umidade por meio da irrigação permitem que a produtividade média seja superior à da temporada das águas na região. Em 2014, a média foi de 660 sacas por hectare no inverno e 600 sacas/ha nas águas.

Como são necessários maiores investimentos pa-

ra se produzir no inverno, a escala é maior. Apesar de serem safras distintas (águas e inverno), os resultados deixam claro o efeito da escala de produção principalmente sobre o dispêndio com o plantio. A atividade mecanizada na propriedade de 20 hectares custa, por hectare e saca produzida, bem menos que na lavoura de oito hectares.

No geral, a produção no inverno acrescenta os seguintes itens ao inventário das águas: um trator, uma grade aradora, uma plantadora, uma fresadora e um conjunto de irrigação. O sistema de irrigação mais comum é por aspersão.

O CARP (Custo Anual de Recuperação do Patrimônio) continua sendo rateado entre as atividades do produtor, sendo atribuída à batata (a cada safra) a respectiva proporção de uso das máquinas e equipamentos. É comum encontrar produtores que cultivam no inverno também fazerem a safra das secas e das águas, e, nestes casos, podem colher quase o ano todo. Para os que têm esse perfil, a área total cultivada no ano é de 40 hectares.

MAQUINARIA DA PROPRIEDADE TÍPICA

A propriedade típica de batata no Sul de Minas usa em suas operações:

- 2 tratores de 75 cv 4x4
- 1 trator de 90 cv 4x4
- 1 arado de 4 discos de 28 polegadas
- 1 grade aradora
- 1 grade niveladora
- 1 distribuidor de calcário de 600 kg
- 1 plantadora, sem adubadora, de três linhas
- 1 fresadora
- 1 carreta com capacidade para 3 toneladas
- 1 enxada rotativa
- 1 subsolador de 5 hastes
- 1 roçadeira de 3 hélices
- 1 pulverizador de com barra hidráulica
- 1 arrancadora de batatas
- 1 sulcador com adubadora
- 1 adubadora de três linhas
- 1 pick-up de pequeno porte
- 1 conjunto de irrigação de aspersão

CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE BATATA BENEFICIADA NO SUL DE MINAS GERAIS - SAFRA DE INVERNO 2014

Itens	2014 (R\$/ha)	%CT
(A) Insumos	6.728,28	23,70%
Fertilizantes.....	3.700,00	13,03%
Defensivos.....	3.028,28	10,67%
(B) Sementes	3.960,00	13,95%
(C) Operações mecânicas para preparo de solo	970,45	3,42%
Aração.....	312,43	1,10%
Enxada rotativa/encorporação.....	307,89	1,08%
Subsolagem.....	89,21	0,31%
Calcário.....	38,54	0,14%
Plantio.....	222,38	0,78%
(D) Operações mecânicas para tratos culturais	324,62	1,14%
Adubação básica.....	61,77	0,22%
Adubação para cobertura.....	22,63	0,08%
Pulverização de inseticidas.....	109,19	0,38%
Pulverização de fungicidas.....	109,19	0,38%
Pulverização de herbicidas.....	21,84	0,08%
(E) Irrigação	980,00	3,45%
(F) Operações para colheita mecânica (arranquio)	370,80	1,31%
(G) Mão de obra geral	3.111,87	10,96%
(H) Catação no sistema de colheita semimecanizado	2.410,00	8,49%
(I) Custos administrativos	998,61	3,52%
(J) Comercialização/Beneficiamento	5.600,00	19,73%
(K) Arrendamento	1.033,06	3,64%
(L) Financiamento de Capital de Giro	1.266,19	4,46%
(M) Custo Operacional (CO) = A + B +...+L	26.773,88	94,31%
(N) CARP	1.614,05	5,69%
Custo Total (CT) = CO + CARP	28.387,93	100%
Produtividade média	660 sacas/ha	
Custo Total por saca beneficiada	R\$ 43,01	

A partir de 2008, a metodologia de cálculo de depreciação e custo de oportunidade do capital fixo foi alterada e hoje é calculada através do CARP. A fórmula do cálculo do CARP está descrita na edição de maio/09.

VARGEM GRANDE DO SUL: CUSTOS TÊM FORTE AUMENTO NESTE ANO

A estimativa para a safra 2015, que está terminando, é de aumento acentuado dos custos de produção tanto por hectare quanto por saca em Vargem Grande do Sul. Esse resultado reflete tanto o aumento de preços de componentes dos custos quanto a menor produtividade em relação a 2014.

Para o cultivo de **100 hectares**, os custos totais de produção estão estimados em R\$ 29.910,36 por hectare, alta de 9% frente a 2014. No ano passado, também houve reajuste de custo em relação a 2013, mas em menor proporção (4%). Analisando-se os custos por saca, a alta é ainda mais acentuada em 2015, em função da menor produtividade, sobretudo no início da safra. A saca de 50 kg custou quase R\$ 50,00 (R\$ 49,85), o que representa 27% a mais que a média de 2014. Naquele ano, com produtividade maior que na temporada anterior (2013), o custo por saca diminuiu 3%.

Na escala maior, considerando-se o cultivo de **350 hectares**, a alta foi de 8% nos custos por hectare, quando comparado à safra 2014, indo para R\$ 23.481,83. O custo por saca também subiu devido à menor produtividade. A saca de 50 kg custa em média R\$ 39,05, valor 26% maior que o calculado para 2014.

Entre os grupos de insumos, o que teve maior aumento de gasto foi o de fertilizantes, de 21% por hectare entre 2014 e 2015. O dispêndio com defensivos também se elevou, 4% por hectare. Dentro desse grupo, o maior aumento foi com fungicidas, de 54% por hectare, já que o clima foi mais chuvoso durante esta safra. Em contrapartida, o gasto com inseticidas baixou 42%, também em função do clima. Tendo em vista que os defensivos em geral estiveram mais caros, produtores, em muitos casos, optaram por moléculas mais baratas, o que atenuou um pouco o aumento dos gastos com esses insumos.

A elevação das despesas tanto com adubo quanto de defensivo por hectare ocorreu na mesma intensidade nos dois perfis de fazenda estudados. Isso porque a compra é feita por meio da cooperativa e o preço de aquisição (no geral) foi considerado o mesmo, independente da escala.

A irrigação foi outro importante item que acarretou aumento dos custos, tendo alta de 33% por hectare na fazenda de 100 hectares e de 50% na de 350 hectares. A alta é justificada pelo encarecimento da energia elétrica. Vale ressaltar que os valores de custos referentes à temporada de 2015 são preliminares.

CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE BATATA BENEFICIADA VARGEM GRANDE DO SUL - SAFRA 2014

Média Escala (100 ha)



R\$ 39,22/sc

Grande Escala (350 ha)



R\$ 30,96/sc

SUL DE MINAS:

CUSTO SOBE NA SAFRA DAS ÁGUAS 2015/16

Os custos totais de produção na safra das águas por área cultivada no Sul de Minas Gerais tiveram alta de 7% na temporada 2014/15 frente à 2013/14, subindo para R\$ 31.827,03 por hectare. Já o custo unitário (por saca de 50 kg da batata beneficiada) teve aumento bem mais acentuado, de 18%, em função da menor produtividade, indo para R\$ 53,05.

Apesar de já ter sido forte a alta na última temporada, a previsão é que na 2015/16, que está sendo plantada, haja novo (e forte) aumento, já que os insumos que estão sendo ou serão comprados estão custando mais que em 2014.

Na safra 2014/15, a mão de obra continuou impulsionando bastante os custos de produção. O dispêndio com esse item (por hectare) aumentou 18% frente à temporada anterior. Além do aumento do salário mínimo, o valor das diárias também teve reajuste.

Outro item que teve significativa alta foi o arrendamento por hectare: 20% de uma safra para outra. A explicação é a maior demanda por terras, em função dos bons preços da batata nas safras anteriores. As áreas mais procuradas e de maior valor foram aquelas de melhor fertilidade, boas condições de fitossanidade, topografia e com disponibilidade de água e estrutura para implantar a irrigação.

Os custos administrativos tiveram elevação de 28%, sobretudo pelo aumento do pró-labore do produtor que, já no início do ano, sentia a necessidade de uma melhor remuneração pelo seu trabalho em função do aumento dos custos de vida.

Os custos com capital de giro também subiram bastante, 30% de uma temporada para outra, por conta do aumento do volume de capital necessário e da maior taxa de juros. Essa alta nos juros é reflexo da escassez de crédito oficial a juros subsidiados, pressionando o produtor a ter de captar crédito a juros mais caros ou a adquirir insumos financiados pelas revendas/empresas de insumos. Além da captação mais cara de dinheiro, o custo de oportunidade do capital também é maior, pelo aumento da taxa da poupança.

Os custos com sementes se ampliaram em 10%, mas é provável que, para a temporada 2015/16, o reajuste seja ainda maior devido à oferta relativamente baixa desse insumo.

Os reajustes do diesel acarretaram gastos 9% maiores com operações mecânicas frente à safra 2013/14.

Devido à menor produtividade, os custos com mão de obra para colheita diminuíram 2% por hectare, mas, por saca, o custo aumentou. Também sob efeito da produtividade, o dispêndio com beneficiamento baixou 9% por hectare.

CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE BATATA BENEFICIADA DO SUL DE MINAS GERAIS

Safra das águas 2013/14



R\$ 44,93/sc

Safra de inverno 2014



R\$ 43,01/sc

AFINAL, O QUE MAIS TEM PESADO?

Crise no Brasil, em especial seu desdobramento sobre o câmbio e sobre os preços da energia (elétrica e diesel), e queda de produtividade explicam grande parte do aumento dos custos em 2015. A previsão é que os gastos da temporada das águas 2015/16 sigam crescentes, dadas às altas do dólar nos últimos meses.

No geral, quatro fatores impactam os custos de todas as escalas de produção: mão de obra, energia elétrica, combustível e dólar. A mão de obra segue em alta, conforme determina a lei brasileira de reajuste do salário mínimo. A energia elétrica e o óleo diesel já tiveram acentuado aumento neste ano, depois de o governo federal ter impedido reajustes antes das eleições. Reeleita

a presidente, os aumentos têm sido fortes, para compensar o período em que os preços ficaram represados. No caso da energia elétrica, a falta de chuvas acentuou a necessidade de reajustes das contas pagas por todos, à medida que requereu o acionamento de termoelétricas que têm custos mais altos. Para os combustíveis, o normal seria um recuo nos preços neste ano, visto que o petróleo se desvalorizou. Porém, com os problemas na Petrobras, também seguiram em alta. O câmbio, por sua vez, tem sido influenciado por questões externas (retomada do crescimento norte-americano) e internas (crises econômicas e política). Seu impacto é direto em muitos insumos, tendo grande impacto sobre os custos de produção.

4 PRINCIPAIS FATORES QUE IMPACTAM NO CUSTO DE PRODUÇÃO DE BATATA

 A **desvalorização do Real** frente ao dólar acarretou aumento dos preços dos fertilizantes e defensivos, que têm grande parte de seus componentes importados. Assim, há impacto direto do dólar nos custos de produção da batata.

 O **combustível** mais caro implica em maior gasto com as operações mecânicas e, por consequência, com a cultura.

 A **energia elétrica** mais cara eleva o dispêndio com a irrigação, que se não for movida a eletricidade, o será por diesel, também reajustado.

 A **mão de obra** que vinha ano a ano como principal vilã da alta dos custos de produção, em função dos reajustes do salário mínimo, também implica diretamente no aumento dos custos de produção. Entretanto, seu impacto nos custos de produção se torna "tímido" quando comparado ao dos insumos, da energia elétrica e do diesel.

OUTROS ITENS QUE TAMBÉM IMPACTAM NO CUSTO DE PRODUÇÃO

 **Sementes:** este insumo é produzido a partir de semente básica importada e o processo de plantio ainda envolve óleo diesel, energia elétrica e, claro, mão de obra. Assim, o custo da semente também se eleva porque sua produção depende de itens que encontram-se atualmente em alta.

 **Custos administrativos:** são compostos por diversos itens, como o pró-labore do produtor, deslocamento e transporte de máquinas e funcionários, salário de funcionários administrativos, contratação de serviços, entre outros gastos. Os custos administrativos, portanto, também se elevam com o aumento do dólar, da energia elétrica, combustível e mão de obra.

 **Beneficiamento e comercialização:** seu custo tem relação direta com o aumento dos gastos com mão de obra e energia.

 **Manutenção de máquinas implementos e equipamentos:** dependem de mão de obra e, por isso, também seguem em alta. Requerem também reposição de peças, que podem ser importadas ou ter seu processo de produção no Brasil encarecido pelo dólar.

 **Capital de Giro:** produtores declaram que o crédito oficial está mais difícil neste ano, o que os obriga, muitas vezes, a buscarem crédito em linhas mais caras nos bancos e/ou especialmente junto a empresas de insumos.

O QUE ESPERAR PARA 2016?

O cenário econômico brasileiro para o próximo ano é de muitas incertezas. O consenso entre as previsões é que o dólar deve seguir em patamar elevado. Com isso, fertilizantes e defensivos não devem baixar em 2016; na melhor das hipóteses, seguirão com preços semelhantes aos do final deste ano. Energia elétrica e óleo diesel também seguem da mesma forma, podendo ter novos reajustes. Para a mão de obra, já é certeza que haverá aumento, dada a relação com o salário mínimo e a demanda das categorias diante

da inflação. Porém, para funcionários que tem salários acima do mínimo, não é esperado grande reajuste (como no caso da fazenda de 350 hectares, em que a maioria ganha acima de R\$ 1.500,00), tendo em vista que tem aumentado a oferta de mão de obra em função da crise no País. Esse cenário já é observado neste ano.

No balanço, a perspectiva é que os custos de produção se mantenham elevados em 2016 diante dos fatores mencionados anteriormente.

COMO MANTER VIÁVEL A ATIVIDADE EM TEMPOS DE CUSTOS EM ALTA E DEMANDA EM BAIXA?

Com base no conjunto de estudos já elaborados para os *Especiais Batata*, a equipe **Hortifruti Brasil** chega a algumas conclusões para que a atividade seja sustentável. A primeira delas é que é importante se produzir com o menor custo possível, e isso pode ser alcançado com técnicas corretas de manejo e boa gestão de todos os processos.

Falando-se em gestão, é importante que o produtor tenha uma “radiografia” precisa dos seus custos e um planejamento da receita e de seus gastos futuros, procurando ter um controle apurado do seu fluxo de caixa.

Outro ponto que favorece a redução dos custos é a escala de produção, como observado na apuração de custos em Vargem Grande do Sul (SP), por exemplo. A mecanização e a integração de algumas atividades permitiram a redução dos custos, como evidenciado nas páginas anteriores.

Mas investimentos em colhedoras, por exemplo, e verticalização da produção só são viáveis a partir de uma escala mínima de produção – atualmente, são poucos os produtores nessa condição. Isso ajuda a explicar o cenário atual da bataticultura, em que uma parcela de produtores, em especial de menor escala e/ou baixa tecnologia e/ou menos integrado, está com dificuldade para se manter na atividade enquanto outros estão ampliando os investimentos. Mas, o modelo de produção tecnificada de alta escala de produção pode ser também adotado por produtores de menor escala caso trabalhem em conjunto, compartilhem bens e serviços. Em coope-

rativas ou em *pools* podem reunir capital para investir em colhedoras, em unidade produtora de sementes e de beneficiamento, por exemplo.

Esse compartilhamento pode não ser fácil no curto prazo, mas há outras ações capazes de amenizar o impacto do contínuo aumento de custos, independente da escala de produção:



Uso racional de insumos: aplicação somente de fórmulas de fertilizantes que seguem recomendação agrônômica, por exemplo. Além disso, fazer uso racional dos defensivos para o controle de pragas e doenças.



Reduzir os riscos em anos de incertezas econômicas: diante da falta de clareza sobre o que vem pela frente, é melhor não ousar ou arriscar muito. Por exemplo, num momento como o atual, *analise* com muita cautela se vale ou não a pena aumentar a área cultivada. A bataticultura obteve nos últimos três anos bons preços, sustentados pela menor oferta decorrente da falta de sementes e ou de chuvas. Para 2016, um ano de muitas incertezas, talvez o produtor não precise se expor ou se arriscar muito, sob risco de depreciar todo o capital acumulado em safras anteriores.

Enfim, “cautela e caldo de galinha (com batata)” não fazem mal a ninguém. O dito popular se faz bastante válido nestes tempos de crises econômica e política em que se encontra o País. 🍷

Doenças controladas por Midas BR® e Equation®:

Midas BR® – requeima (*Phytophthora infestans*), pinta-preta (*Alternaria solani*), canela-preta e podridão-mole (*Pectobacterium carotovorum* subsp. *Carotovorum*)

Equation® – requeima (*Phytophthora infestans*), pinta-preta (*Alternaria solani*), canela-preta e podridão-mole (*Pectobacterium carotovorum* subsp. *Carotovorum*)



ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO. Produto de uso agrícola. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto.



Novidade

Midas BR[®] e Equation[®] registrados para o controle de canela-preta na cultura da batata.

Além de controlar preventivamente as principais doenças fúngicas, mesmo nos períodos mais chuvosos, DuPont™ Midas BR[®] e DuPont™ Equation[®] atuam na prevenção da canela-preta e podridão-mole (*Pectobacterium carotovorum* subsp. *Carotovorum*), protegendo e mantendo a sanidade das plantas.

DuPont™
Midas BR[®]
fungicida

DuPont™
Equation[®]
fungicida



PERFORMANCE

Eficiência na utilização de produtos de alta performance, com resultados comprovados.



ADERÊNCIA

Produtos com famoxadone, molécula exclusiva que possui alta aderência à camada cerosa das plantas.

Para mais informações:

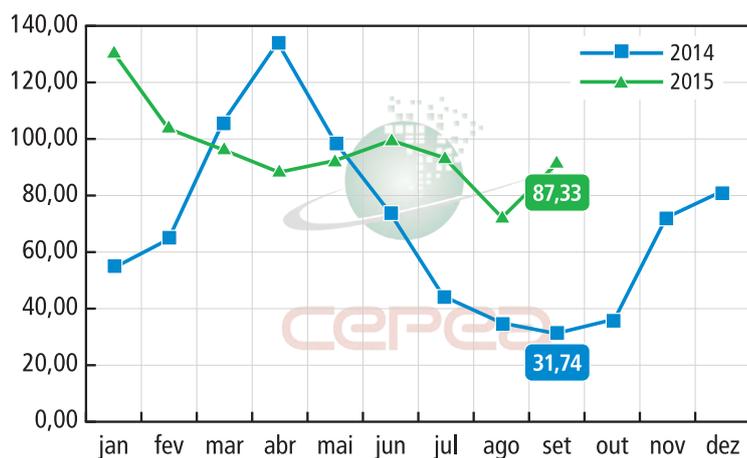
TeleDuPont 
0800 707 55 17 Agrícola
www.dupontagricola.com.br



Plantio da safra das águas 15/16 se intensifica nas praças sulistas

Área plantada em Bom Jesus e Água Doce deve ser mantida

As regiões de Bom Jesus (RS) e Água Doce (SC) iniciaram o plantio da safra das águas em setembro. Chuva e geada limitaram os trabalhos, principalmente na região gaúcha. Produtores esperam compensar tais atrasos em outubro e novembro. Em setembro, a área plantada atingiu 5% em ambas as regiões e, até o fim de novembro, produtores esperam que de 65 a 70% da área total seja plantada. Em Bom Jesus, produtores tinham intenção de antecipar o plantio em um mês, mas chuvas e geadas forçaram os produtores a retomar o calendário tradicional de cultivo. Já em Água Doce, o plantio foi atrasado para outubro. Em ambas as regiões, a área total deve ser mantida para a safra 2015/16. A justificativa para que a área plantada não aumentasse foi a acentuada alta nos custos de produção, principalmente no preço de defensivos e fertilizantes, que estão atrelados ao dólar, diesel e energia elétrica. No RS, a capitalização de produtores foi pequena no último ano, o que também limita expansão da área. Além disso, há limitação de sementes, visto que parte foi perdida na safra passada ou negociada no mercado devido aos altos preços na última safra. Na praça catarinense, a alta nos custos de arrendamento devido ao aumento da demanda por terras também impede a expansão. Até o final de setembro, as áreas já cultivadas no Sul não tiveram problemas. Contudo, produtores estão atentos, pois o segundo semestre de 2015 deverá ser bastante chuvoso devido ao *El Niño*.



Chuvas elevam média de setembro

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepea

Plantio das águas avança nas praças paranaenses

O plantio da primeira parte da safra das águas 2015/16 deve se encerrar até o fim de outubro em Guarapuava (PR). O início da segunda parte está programado para novembro. A área total da região deve aumentar em função dos consecutivos anos de bons resultados. Contudo, o aumento da segunda parte da safra ainda depende dos resultados da primeira. Já em Curitiba, o plantio foi iniciado em agosto e, em São Mateus do Sul, no fim de julho. Em Ponta Grossa e Irati, o plantio começou no fim de agosto. Em Curitiba e São Mateus do Sul, houve atrasos em agosto e o fim do plantio foi postergado em 15 dias. Nestas praças, assim como em Irati, a área deverá ser mantida para a próxima safra em função da baixa disponibilidade de sementes. Já Ponta Grossa deve ter leve redução nas áreas destinadas à indústria devido a problemas com sementes na última replicação e à leve retração da demanda na produção de *chips*.

Safra de Vargem Grande do Sul se encerra com rentabilidade positiva

O resultado da safra de inverno 2015 em Vargem Grande do Sul (SP) foi positivo, com preços acima dos custos de produção. A alta nas cotações foi resultado da baixa oferta, provocada por perdas em algumas áreas cultivadas, assim como aconteceu em Cristalina (GO). Além disso, a produtividade até agosto não foi boa, reduzindo ainda mais a oferta no mercado. Como os preços estavam em bons patamares, muitos produtores adiantaram a colheita, o que manteve a produtividade abaixo do potencial, desconcentrou a oferta durante o pico e evitou o excesso no mercado. Na média da temporada, os preços já ponderados pelo calendário de colheita e classificação, ficaram em R\$ 55,10/sc de 50 kg, valor 29,6% superior às estimativas de custos de produção (R\$ 42,50/sc). De acordo com produtores, apesar do excesso de chuva durante o plantio, a qualidade das batatas foi boa, com mais de 80% sendo classificada como especial. Na média da temporada, a produtividade ficou em torno de 36 t/ha.



Curta a página da HF Brasil no Facebook!

@revistahortifrutibrasil



Knowledge grows

Qualidade total da produção à mesa

O Programa Nutricional Yara para batata foi desenvolvido com foco nas necessidades da cultura e por meio da combinação de diferentes produtos que fornecem as melhores soluções nutricionais para batata, visando produzir tubérculos mais uniformes, com maior qualidade de pele e maior tempo de prateleira.

www.yarabrasil.com.br



YaraLiva[®]



SUPERSTART[™]



Produtores intensificam o transplântio da safra de verão

Área da safra de verão 2015/16 deve se manter estável

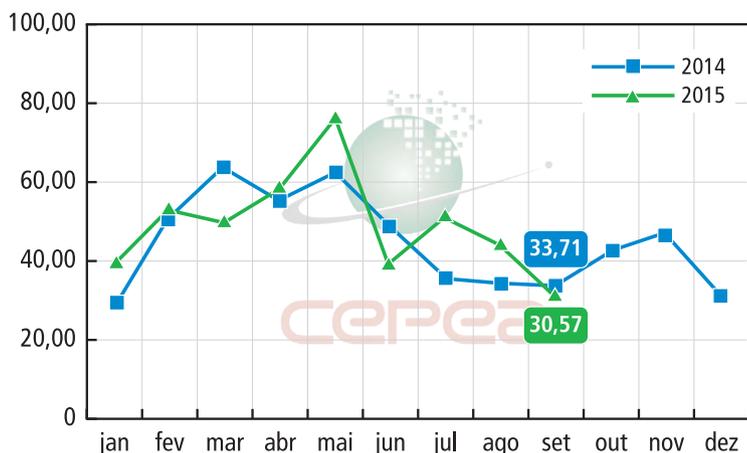
O transplântio da safra de verão deve ser intensificado neste mês. Quanto à colheita das primeiras lavouras, é prevista para ser iniciada em ritmo lento em novembro, ganhando força em dezembro e concentrando-se nos meses de janeiro e fevereiro. A perspectiva para a safra 2015/16 é de manutenção de área frente à temporada anterior na maior parte das regiões, com exceção da região do Agreste Pernambucano, que tem redução de cerca de 20% por conta da falta de água para as atividades. Nas demais regiões, os fatores limitantes para novos investimentos são, principalmente, a dificuldade em obtenção de crédito para financiamento e os aumentos nos custos de produção, que, por sua vez, foram impulsionados pela forte alta do dólar – o câmbio encarece insumos importados, como fertilizantes e defensivos. Quanto à disponibilidade hídrica, a expectativa é positiva, já que o volume de chuva tem sido satisfatório neste semestre nas principais regiões e muitas lavouras contam com o sistema de gotejo. As praças de Itapeva (SP), Venda Nova do Imigrante (ES) e Reserva (PR) devem seguir os calendários de transplântio e de colheita de acordo com a safra passada. Já na região de Caçador (SC), geadas atrasaram o transplântio, que passou de setembro para outubro. Além disso, alguns produtores devem adiantar o transplântio para este mês, e, por isso, outubro deve concentrar cerca de 70% das atividades.

Transplântio é encerrado em Sumaré

Na região de Sumaré (SP), o transplântio referente à segunda parte da safra de inverno foi encerrado em setembro. A incidência de chuvas trouxe certa dificuldade no correr do transplântio, mas não acarretou em atrasos ou perdas expressivas nas lavouras. A colheita tinha previsão para ser iniciada na segunda semana de outubro, porém, o clima quente adiantou o início da oferta para o começo do mês. Mesmo assim, a concentração da colheita deve ocorrer como previsto, em novembro, período em que há previsão de chuvas e temperaturas acima da média em relação a outros anos, por conta do fenômeno *El Niño*, segundo a Somar Meteorologia. Quanto à área, deve se manter estável frente à safra anterior, já que a estiagem do ano passado, que prejudicou as lavouras colhidas na primeira parte da temporada, desestimulou novos investimentos. Produtores esperam uma oferta controlada no período de colheita, o que pode garantir boa rentabilidade, assim como já verificado na primeira parte da safra.

Colheita da 2ª parte da safra de inverno deve ser intensificada neste mês

A colheita da segunda parte da safra de inverno das regiões do Sul de Minas, Norte do Paraná, Paty do Alferes (RJ) e Sumaré (SP), que foi iniciada em setembro, deve se intensificar em outubro e novembro – com cerca de 70% da área sendo colhida –, sendo finalizada em dezembro. De acordo com produtores consultados pelo projeto Hortifruti/Cepea, a área total da segunda parte da safra de inverno deste ano deverá ser a mesma em relação à da temporada anterior, com exceção da região fluminense de Paty do Alferes, na qual os investimentos no período devem ser cerca de 10% menores. Ainda nessa região, colaboradores relataram boa produtividade no primeiro mês de colheita e clima favorável, cenário que trouxe expectativa positiva quanto à produção. Por outro lado, o aumento da oferta pode pressionar as cotações do tomate de qualidade superior em novembro.



Preço tem nova queda em setembro

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepea

VIVA.
DO SOLO
UMA NOVA ENERGIA
PARA A PLANTA.

Valagro
Where science serves nature

www.valagro.com.br

Safra de tomates **BS II0004** e **BS II0020** Blueseeds
não deixa espaço para preocupações.



Quando a semente é Blueseeds, a preocupação some e a produtividade aparece. Isso acontece porque os tomates BS II0004 e BS II0020 foram desenvolvidos e melhorados para gerar frutos mais fortes, resistentes a diversas doenças e adaptados a várias regiões do Brasil. Blueseeds, resultados no azul. Vermelho só o tomate.

RESISTÊNCIAS BS II0020
Verticillium sp raça 1, *Fusarium* raças 1, 2 e 3, Nematóides galhas, Mosaico do Tabaco, Vírus do Vira Cabeça, *Pseudomonas Syringae* pv tomato e Geminivírus.

RESISTÊNCIAS BS II0004:
Verticillium sp raça 1, *Fusarium* raças 1, 2 e 3, Nematóides galhas, Mosaico do Tabaco e Geminivírus.

www.blueseeds.com.br

Distribuidor  no Brasil.

Praça dos Crisântemos, 110
 Jardim Holanda • Holambra/SP
 Tel: +55 (19) 3802.2588

 Blueseeds

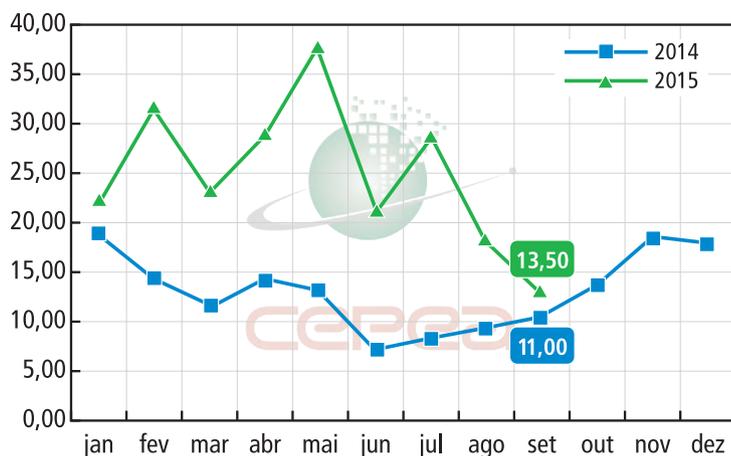


Plantio da safra de verão intensifica em MG

Produtores de Minas Gerais devem intensificar o plantio da temporada de verão 2015/16 neste mês. As atividades começaram em setembro e a expectativa é que a colheita seja iniciada em meados de dezembro. A área a ser cultivada deve ser mantida frente à da safra de verão anterior, em 5.377 hectares. Entre os motivos da permanência de área está o elevado custo de produção, que, por sua vez, se deve à forte valorização do dólar – que tem impacto no preço de diversos insumos – e aos altos preços da mão de obra. Além disso, segundo produtores, a falta de chuva nas regiões de São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba (MG) ainda preocupa. Os níveis dos reservatórios estão baixos, mesmo com algumas chuvas pontuais que ocorreram ao longo de setembro. Dessa forma, produtores têm receio que a seca possa prejudicar a produção e a qualidade das raízes que serão colhidas no início da temporada. A expectativa de produtores mineiros é de bons resultados para a temporada de verão, cuja colheita ocorre entre dezembro e junho.

Mesmo com chuva, produtividade no PR aumenta

Apesar do alto volume de chuvas acumulado em setembro nas roças do Paraná, consequência do *El Niño*, a produtividade média das raízes do estado não foi prejudicada. Isto porque as precipitações se concentraram no início e final do



MG tem boa produtividade e preço cai
Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura “suja” na roça - R\$/cx 29 kg

Fonte: Cepea

mês, havendo um intervalo de seca, que favoreceu a colheita de grande volume de cenouras. Assim, houve um aumento de 54,5% em comparação à verificada em agosto, e foram colhidas 493 toneladas por hectare, em média. Além da maior oferta em Marilândia do Sul, Apucarana e Califórnia, a maior produtividade, a alta qualidade e os menores preços em Minas Gerais atraíram compradores do Paraná e as cotações da cenoura desta região não subiram. Assim, a caixa “suja” de 29 kg foi comercializada à média de R\$ 15,90 no Paraná em setembro, 36% a menos que em agosto, mas ainda acima do custo de produção, estimado por produtores em cerca de R\$ 15/cx no período. Para outubro, é esperada uma intensificação do fenômeno do *El Niño*, aumentando a precipitação na região Sul do país, o que poderá afetar a qualidade das cenouras do Paraná. Somente nos três primeiros dias do mês de outubro, foram acumulados 64,7 mm na região de Marilândia do Sul, segundo a Somar Meteorologia.

Chuvas também castigam cenouras gaúchas

Assim como as cenouras do Paraná, a produção das raízes no Rio Grande do Sul também foi prejudicada pelo clima chuvoso em setembro. A alta umidade e as baixas temperaturas resultaram em geada em algumas lavouras de Caxias do Sul, Antônio Prado e Vacaria (RS), o que, por sua vez, ocasionou perdas de folhas das cenouras. Com a redução da área foliar, o ciclo de desenvolvimento fica maior. Além disso, houve dificuldade para as raízes engrossarem, já que o elevado volume de água faz com que as cenouras não se aprofundem no solo como deveriam. O aparecimento de algumas doenças, como o fungo oídio, que acabou prejudicando a qualidade das cenouras, também foi relatado por produtores. Apesar do clima adverso, o plantio e a colheita não foram tão prejudicados, mas seguiram em ritmo lento em setembro. Caso o clima siga chuvoso em outubro, a oferta deve diminuir, o que, por sua vez, pode elevar o preço da raiz.



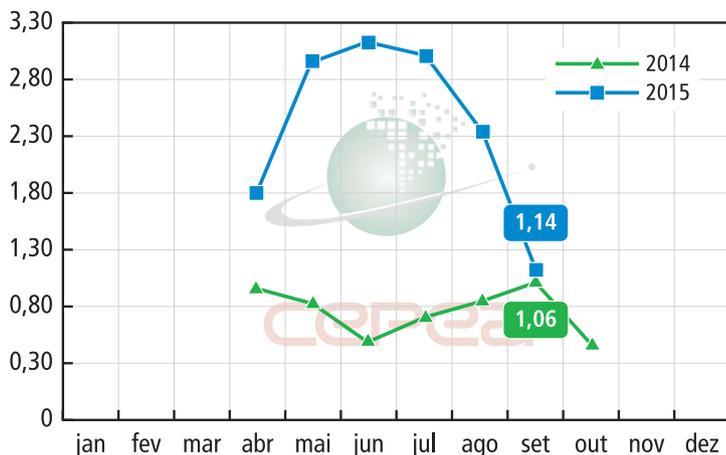
Leia o blog da HF Brasil e fique atualizado!
hortifrutibrasil.blogspot.com



Fim da safra em São Paulo e no Cerrado pode diminuir volume ofertado

Região paulista e do Cerrado encerram safra com excelentes resultados

São José do Rio Pardo e Monte Alto (SP) e o Cerrado de Minas e de Goiás encerram a safra no fim de outubro. Até o final de setembro nas praças paulistas, restavam cerca de apenas 15% da área total somada a ser colhida. A produtividade da safra teve média de 50 t/ha em São José do Rio Pardo e 45 t/ha em Monte Alto. Apesar da baixa produtividade frente ao ano passado, os preços em altos patamares foram compensatórios, fazendo com que a rentabilidade da safra fosse positiva. A média de preços ponderados pelo calendário de colheita em Monte Alto durante a safra foi de R\$ 2,26/kg, 67,26% acima do valor mínimo estimado pelos produtores para cobrir os custos de produção, de R\$ 0,74/kg. Em São José do Rio Pardo, o mesmo cálculo apresentou preços médios de R\$ 1,92/kg na safra, 65,63% acima do valor mínimo estimado pelos produtores para cobrir os custos, de R\$ 0,66/kg. Cristalina (GO) também deve encerrar sua comercialização em outubro. Neste mês, cerca de 10% do total da área foi colhida. Os preços tiveram média de R\$ 2,83/kg na safra, 81,27% acima das estimativas de custos, de R\$ 0,53/kg. O Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba deve encerrar a colheita em outubro com 5% restante, com produtividade de 58 t/ha. A média de preços ponderada pelo calendário e pela classificação foi de R\$2,73/kg em toda a safra, 74,4% acima dos custos no mesmo período, que foram de R\$ 0,70/kg.



Importação europeia é grande; preços têm acentuada queda

Em setembro, as cotações da cebola tiveram os menores preços desde o início da safra de São Paulo e do Cerrado. Essa queda é explicada, principalmente, pelo elevado volume de cebola importado. Entre julho e agosto, o Brasil importou 37,4 mil toneladas de cebola, 117% a mais que no mesmo período do ano passado, apesar dos altos patamares do dólar em relação ao Real. Esta alta foi reflexo do ânimo dos importadores com os preços, mas a queda nas cotações passa a inviabilizar o processo. Assim, em setembro, os pedidos já tiveram grande recuo, o que sinaliza que em outubro haverá pouca oferta de cebola importada. A cebola europeia entrou no Brasil, em média, acima de R\$ 2,00/kg, e foi comercializada na média de setembro a R\$1,75/kg. Já para as praças brasileiras, os preços atingiram os menores níveis desde o início da temporada, em junho. A média nas praças paulistas ficou em R\$ 1,72/kg, e R\$ 1,80/kg no Cerrado.

Sul deve iniciar oferta de superprecoce entre outubro e novembro

O Sul pode começar a colheita da superprecoce no final de outubro, intensificando em novembro. Com o plantio encerrado em agosto, as lavouras da região estão em desenvolvimento dos bulbos. O clima é favorável e as chuvas em alguns períodos até contribuiram para o bom desenvolvimento das lavouras, que seguiu sem problemas até o final de setembro. Contudo, o resultado ainda dependerá das condições climáticas até o final da safra, que promete ser chuvosa devido à atuação do fenômeno climático *El Niño*. Até o momento, a expectativa dos produtores é de boa qualidade e produtividade dos bulbos. Os bons preços na última temporada sulista compensaram a quebra de safra e os produtores saíram capitalizados, o que deve levar a um aumento de área de cerca de 5,8%. Com isso, se a produtividade for boa, a tendência é de preços menores que no ano passado.

Preços recuam pelo segundo mês consecutivo

Preços médios recebidos por produtores de Irecê pela cebola híbrida na roça - R\$/kg

Fonte: Cepeca

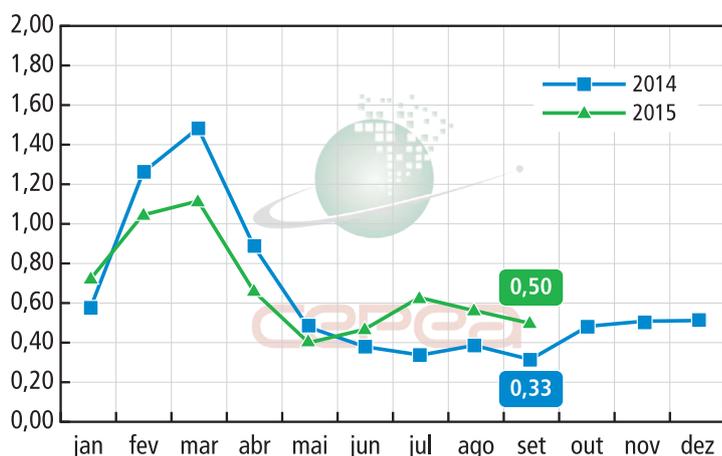




Mercado de alface volta a se aquecer

Chuvas causam perdas e folhosas se valorizam

O mês de setembro foi marcado por chuvas concentradas e volumosas nas regiões produtoras de alface no Estado de São Paulo. De acordo com a Somar Meteorologia, o acumulado no mês em Mogi das Cruzes (SP) foi de 196 mm e na região de Ibiúna (SP) de 226 mm. As precipitações fortes causaram perdas nas roças paulistas. Dentre as três variedades pesquisadas pelo Cepea (crespa, lisa e americana), a mais prejudicada foi a alface americana, pois como são utilizadas sementes próprias para o inverno, esta variedade não é resistente a chuvas. O impacto do clima chuvoso também foi acentuado pelo fato de que os produtores não estavam fazendo os tratos culturais preventivos, por conta da baixa rentabilidade da cultura nos últimos meses, deixando as folhosas mais susceptíveis a danos. Além da umidade, outro fator que prejudicou a produção em setembro foi a mudança drástica de temperatura, com forte calor na segunda quinzena do mês. As hortaliças sentiram as variações do clima, que resultou em problemas como queima de borda, manchas chocolate e podridão interna. Com quebras na produção, na média de setembro, a alface americana foi comercializada na região de Mogi das Cruzes por R\$ 9,51/cx 12 unidades, alta de 2% em comparação com o mês anterior. O aumento nos preços incentivou produtores a investir na compra de mudas, o que não estava ocorrendo com intensidade até o último mês.



Preço recua novamente em setembro

Preços médios de venda da alface crespa no atacado de São Paulo - R\$/unidade

Fonte: Cepea

Oferta de alface deve cair em outubro

Com a expectativa de que a oferta de folhosas seja menor em outubro e novembro, a tendência é de que os preços fiquem em alta nos próximos meses. Isso porque, além do plantio ter sido reduzido nos últimos meses, com o *El Niño*, a primavera deve ser mais quente e chuvosa no estado de São Paulo, causando perdas nas roças de alfaces. Em setembro, os dias mais quentes na segunda quinzena do mês estimularam o consumo de folhosas, movimentando a procura por alface na Ceagesp. Apesar do cenário favorável na segunda quinzena, este não compensou as primeiras semanas de setembro, na qual as folhosas foram comercializadas a preços baixos. A alface americana registrou recuo de 9% na média mensal, sendo comercializada a R\$ 13,03/cx com 18 unidades. A alface lisa fechou o mês ao valor médio de R\$ 12,57/cx com 24 unidades, desvalorização de 15% em relação ao mês de agosto. A alface crespa obteve preço médio 14%, sendo comercializada por R\$ 11,73/cx com 24 unidades.

Alfaces hidropônicas tem destaque no mercado

As folhosas hidropônicas têm despertado cada vez mais o interesse de produtores e atacadistas. Um dos fatores é o consumo de água de forma mais sustentável em sua produção. Assim, em períodos de seca e crise hídrica, a produção não é tão prejudicada, pois o sistema reutiliza a água por um período, permitindo uma maior economia desse recurso. Por outro lado, durante o verão, as altas temperaturas podem prejudicar as variedades hidropônicas por causa do aquecimento em excesso nas estufas. Mesmo assim, as perdas acabam sendo menores do que as folhosas produzidas no campo. Do início da safra de inverno (maio) até setembro, a alface crespa hidropônica comercializada na Ceagesp registrou média de R\$ 14,44/cx 24 unidades, enquanto a mesma variedade produzida no campo obteve preço médio de R\$ 12,27/cx com 24 unidades.



Janáína

Tomate Salada Indeterminado

F1

Resistências/Tolerâncias:

V, F2, N, TMV, TYLCV, TSWV

WINNERS
OS PRODUTOS VENCEDORES

 **FELTRIN**[®]
SEMENTES

(54) 2109.4400 www.sementesfeltrin.com.br



Clima deve restringir oferta durante a safra de final de ano

Chuvas na brotação podem reduzir produtividade de uvas finas no PR

Segundo viticultores paranaenses de Marialva, Norte do Paraná e Rosário do Ivaí, apesar de ainda ser cedo para traçar um panorama sobre a safra, a produtividade, principalmente das variedades finas, pode ser menor no final de 2015. Isso porque houve chuvas na época da brotação (junho/julho), que causaram problemas no desenvolvimento das videiras. Alguns produtores tiveram que, inclusive, refazer as podas, aumentando os custos com a safra. Com isso, a colheita de final de ano nessas regiões pode começar em meados de outubro e início de novembro, com volume menor que o esperado inicialmente. Esse cenário, no entanto, pode ser positivo, visto que no mesmo período as safras de Jales (SP) e Pirapora (MG) estarão sendo finalizadas e a menor oferta tende a sustentar o preço. Porém, se a produtividade for mesmo afetada, e a qualidade ficar abaixo da desejada, pode dificultar a valorização da uva na região. A expectativa é de que a oferta do PR aumente somente na segunda quinzena de novembro e se estenda até janeiro/16.

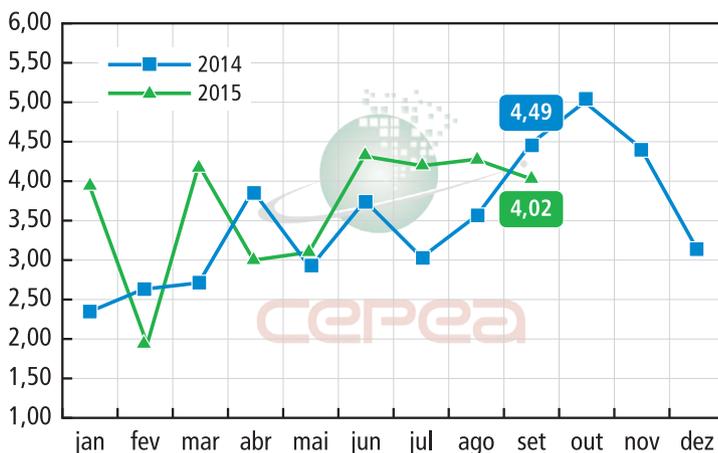
Calor pode ter prejudicados parreirais paulistas

No geral, viticultores paulistas estão otimistas quanto a safra de final de ano em São Miguel Arcaño, Pilar do Sul e Porto Feliz, mas as variações do clima já estão interferindo no desenvolvimento dos parreirais. Embora ainda seja cedo para mensurar possíveis

danos, agentes locais informaram que as horas de frio não foram suficientes para o bom desenvolvimento das parreiras, principalmente em algumas propriedades de Pilar do Sul. Neste mês, os produtores paulistas estão encerrando as atividades de poda, dentro do calendário previsto. Em Porto Feliz, a expectativa é de que a colheita se inicie no final de novembro, se estendendo até meados de janeiro. Já em São Miguel e Pilar, a safra deve começar em meados de dezembro, para aproveitar as vendas típicas de Natal.

Possibilidade de racionamento preocupa viticultores do Vale

A escassez de chuvas na nascente do Rio São Francisco (MG) tem reduzido o nível do reservatório de Sobradinho, principal responsável pelo fornecimento de água para irrigação na região do Vale do São Francisco (PE/BA). No mês passado, o Distrito de Irrigação Nilo Coelho (DINC) divulgou um alerta sobre a possibilidade de racionamento de água no Vale do São Francisco a partir de 26 de outubro. Porém, no dia 05 de outubro, a DINC divulgou novas informações sobre o contingenciamento da irrigação, sendo que este pode ocorrer somente a partir de meados de dezembro. Ainda assim, a cada 15 dias serão realizadas reuniões entre a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf) e outros órgãos para decidirem sobre a manutenção da atual vazão do reservatório de Três Marias (500m³/s). Agentes consultados pelo Cepea relataram que, se houver racionamento, a fruticultura local pode ser prejudicada, inclusive a produção de uva no início de 2016. Isso porque a menor disponibilidade de água pode atrasar a poda, além de afetar ainda mais o desenvolvimento da fruta nos parreirais e sua qualidade. A seca na região já vem perdurando há alguns anos e interferindo na oferta e na qualidade da uva em algumas propriedades, e atualmente essa situação tem se agravado. Segundo dados da Chesf, em 06 de outubro, o volume útil de Sobradinho estava em 8,01%. A previsão do Cptec/INPE para o trimestre que se inicia neste mês é de permanência do clima quente e seco para a região Nordeste, o que pode agravar a seca e aumentar a probabilidade de racionamento no Vale.



Baixa qualidade e demanda desvalorizam niagara em setembro

Preços médios recebidos por produtores pela uva niagara - R\$/kg



Fonte: Cepea



Curta a página da HF Brasil no Facebook!

@revistahortifrutibrasil



Preços da banana podem se recuperar em outubro

Oferta de nanica recua; qualidade deve ser satisfatória em SP

A produtividade dos bananais de nanica de Santa Catarina deve recuar em outubro, o que pode reduzir a disponibilidade da fruta no mês. No Vale do Ribeira (SP), a oferta da variedade deve seguir baixa em outubro, assim como já observado no mês anterior. Esse cenário pode resultar em recuperação nos preços da fruta. Quanto à qualidade, foi favorecida pelo clima no inverno - mais chuvoso que o habitual e com temperaturas mais amenas. Assim, em outubro, a qualidade da nanica deve permanecer boa, favorecendo as vendas. Já em SC, a incidência de *chilling* começou a aumentar nas últimas semanas de setembro, por conta de dias de frio. Este pode ser um limitante da valorização da fruta catarinense pelo menos até meados de outubro.

Chuva de granizo destrói plantações no VR

No final de setembro, foi registrada uma forte chuva de granizo no Vale do Ribeira (SP), sobretudo na cidade de Sete Barras. A tempestade destruiu bananais - agentes estipulam cerca de 1.500 hectares de banana. Os prejuízos estão sendo avaliados, mas segundo notícias, podem chegar a R\$ 15 milhões. Para minimizar as perdas, produtores devem renegociar dívidas com bancos. Além disso, agentes estão pedindo auxílio ao governo para recuperação da estrutura do bananal. No entanto, não foram perdidos muitos cachos de banana - por se tratar de época de

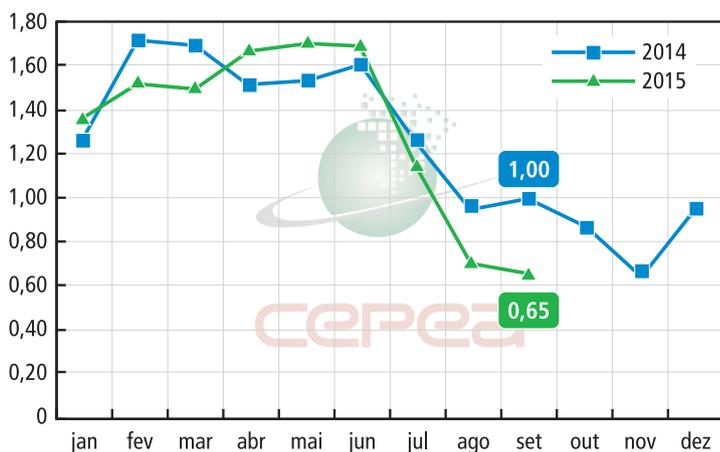
“entressafra”, produtores estavam adubando as roças para proporcionar boa qualidade no começo de 2016. Dessa forma, parte do investimento não terá retorno e a rentabilidade desses produtores pode ser limitada na próxima safra.

Menor oferta de prata pode elevar preço ao produtor

A partir da segunda quinzena de outubro, a oferta de banana prata deve se reduzir em Minas Gerais e se manter baixa em Bom Jesus da Lapa (BA). Assim, os preços da variedade podem aumentar no período. A qualidade, no entanto, deve limitar forte alta, já que está aquém da ideal por conta do clima seco. Desde meados de julho, a oferta de prata anã se manteve alta. Com isso, as cotações vinham sendo pressionadas nos últimos meses por uma dessas duas principais regiões produtoras da variedade. Neste período, outro fator que influenciou as baixas nas cotações foi a qualidade inferior. Tanto na Bahia quanto em MG, o volume de chuvas foi menor no inverno e as temperaturas, acima da média, por conta do *El Niño*. Dessa forma, as frutas amadureceram rapidamente.

Exportações de banana equatoriana estão menores em 2015

As exportações de banana equatoriana caíram 40% na parcial de 2015 (janeiro a agosto) frente ao mesmo período do ano anterior, segundo o jornal equatoriano *El Diario*. A alta do dólar foi o principal motivo da queda nas exportações daquele país. Isso porque a valorização da moeda norte-americana frente às principais moedas do mundo tornaram as exportações de frutas mais atrativas para vários outros países produtores de banana, aumentando a concorrência. Com a maior oferta no mercado internacional, produtores brasileiros também estão tendo que negociar a fruta a valores menores do que em anos anteriores, reduzindo a rentabilidade com as exportações. Além disso, os custos de produção do produtor nacional estão crescentes.



Baixa qualidade pressiona cotações de prata

Preços médios recebidos por produtores do norte de Minas Gerais pela prata-anã - R\$/kg

Fonte: Cepea



Leia o blog da HF Brasil e fique atualizado!
hortifrutibrasil.blogspot.com



Oferta baiana deve aumentar a partir de outubro

Produtores de Teixeira de Freitas se preparam para iniciar a colheita

Melancicultores de Teixeira de Freitas (BA) estão plantando em outubro, com previsão de intensificação em novembro. Até o final de setembro, segundo agentes do setor, cerca de 15% da área de melancia a ser cultivada na região havia sido plantada. Devido aos bons resultados da temporada 2014/15 produtores estão animados e podem ampliar a área cultivada em até 10% nesta safra. A dificuldade está em conseguir financiamento para custear esta safra, principalmente por parte dos bancos, além dos juros estarem mais elevados. Quanto à colheita desta temporada, a previsão é de que se inicie na segunda quinzena de outubro, aumentando ao longo dos próximos meses.

Qualidade da melancia paulista é melhor desde setembro

A temporada de melancia da região de Oscar Bressane (SP) foi iniciada em setembro e deve atingir o seu pico de colheita neste mês. Segundo melancicultores, a qualidade estava abaixo do esperado no início da safra, principalmente com relação a tamanho e peso. Porém, no início de setembro, a qualidade da melancia melhorou, estando mais pesadas. Com relação ao granizo em setembro, apesar de algumas lavouras isoladas terem tido prejuízos grandes (chegando a 100% do plantio), no geral, não houve perdas significativas na região. Na maioria dos casos, houve apenas

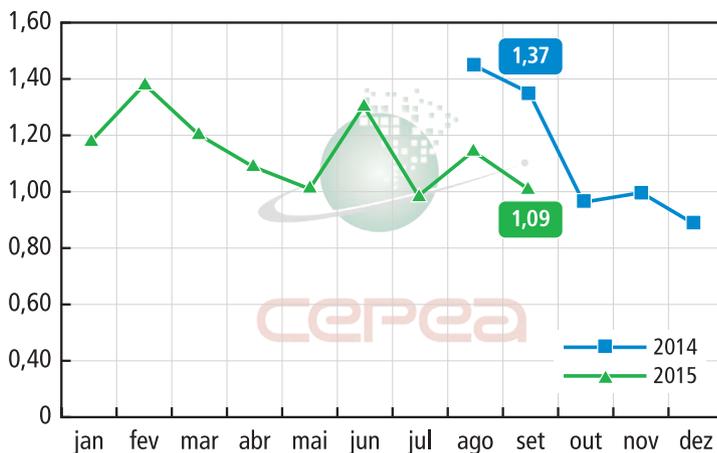
avarias na casca e/ou perda de folhas e flores.

Oferta de melancia goiana segue firme neste mês

A safra de Uruana (GO) atingiu seu pico na segunda quinzena de setembro, com o encerramento em novembro. Apesar da alta oferta na região goiana, a produção de Lagoa da Confusão/Formoso do Araguaia (TO) está terminando e, a de Oscar Bressane (SP), está começando, o que deve aumentar a procura pela fruta goiana. Na quarta semana de setembro, a quantidade de caminhões disponível em Uruana foi insuficiente para atender os pedidos, o que encareceu o frete da melancia na região, quase se igualando ao valor pago pelo transporte no Tocantins. Além disso, segundo agentes do setor, a área de melancia na região goiana está cerca de 25% menor este ano. Assim, produtores goianos devem ofertar uma quantidade inferior à da temporada de 2014. Melancicultores relataram que a demanda pela fruta goiana está alta devido à sua boa qualidade.

Tocantins encerra safra com preço inferior ao de 2014

A temporada de melancia da região Lagoa da Confusão/Formoso do Araguaia (TO) se encerrou em setembro, com preços inferiores aos obtidos na safra de 2014. Esse cenário resultou da maior oferta, já que houve um aumento de 6% na área em Lagoa da Confusão neste ano. Além disso, nas últimas semanas de setembro, as temperaturas se elevaram significativamente, o que acelerou a maturação, ocasionando queimaduras em parte das frutas. Outro fator que interferiu no escoamento da produção tocantinense foi a menor demanda pela melancia nas principais praças consumidoras, devido aos dias de baixas temperaturas em setembro. Assim, o preço da melancia graúda (>12 kg) comercializado na região, entre agosto e setembro foi de R\$ 0,48, valor 26% inferior à média do mesmo período de 2014. Ainda assim, os preços ficaram acima do valor mínimo estimado pelos produtores para cobrir os custos de produção (R\$ 0,25/kg).



Preço cai em setembro

Preços médios de venda da melancia graúda (>12 kg) na Ceagesp - R\$/kg

Fonte: Cepepa



Curta a página da HF Brasil no Facebook!

@revistahortifrutibrasil

PARA VER SEUS TOMATES LIVRES DAS PRINCIPAIS VIROSES, VOCÊ SÓ PRECISA CONHECER UM HÍBRIDO: OZONE.

- Resistência à vira-cabeça e ao geminivírus.
- Melhor qualidade de frutos.



 **Ozone**

syngenta.





El Niño deve ser um dos mais fortes das últimas décadas

Área se reduz com crise hídrica no NE

O *El Niño* pode ser um dos mais intensos das últimas décadas no Brasil, de acordo com meteorologistas do CPTEC/Inpe. Especialistas acreditam que as temperaturas podem aumentar ou pelo menos se manter nos próximos meses. Além disso, o fenômeno é responsável por intensificar a seca no Nordeste do País. O estado mais atingido é o da Paraíba. O cenário preocupa melonicultores, que costumam impulsionar o plantio entre os meses de setembro e outubro para terem frutas suficientes para abastecer os mercados interno e externo durante as festas de final de ano. Com este cenário, produtores do Rio Grande do Norte/Ceará estimam redução de 10% na área destinada ao plantio da fruta nesta safra. A escassez de água já atrapalha a irrigação. No Vale do São Francisco (BA/PE), melonicultores que possuem poços particulares ou plantam em regiões próximas a rios ainda conseguem irrigar a cultura, enquanto os demais enfrentam dificuldades para a captação de água. Desde julho, produtores da região observam redução no nível dos reservatórios de água. O mais importante deles, o de Sobradinho (BA), passou a operar com apenas 8% de sua capacidade no início de outubro, segundo dados da Chesf.

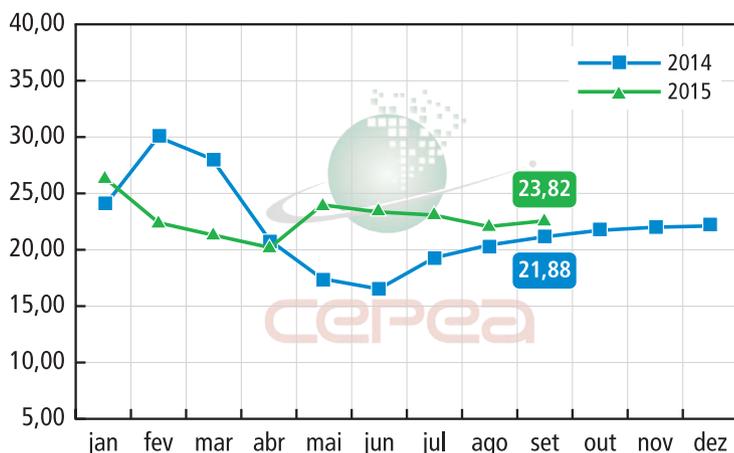
Dólar opera em alta e anima melonicultores

Com a alta histórica do dólar frente ao Real, produtores do Rio Grande do Norte/Ceará se mos-

tram bastante animados com a cultura e devem destinar uma maior porcentagem da fruta ao exterior na safra 2015/16. Entre os meses de agosto e setembro, o Brasil exportou 37,9 toneladas da fruta, aumento de 9,3% em relação ao mesmo período do ano passado, segundo a Secex. E a receita obtida com os envios foi 2% maior, totalizando US\$ 28,8 milhões. O câmbio favorável às exportações vem em um bom momento, pois agentes do setor estimam uma sensível retração do mercado interno. Por outro lado, com o dólar na casa dos R\$ 4, o aumento nos custos de produção do melão é inevitável, uma vez que muitos dos insumos utilizados na cultura estão atrelados à moeda estrangeira. Em setembro, foi registrado um aumento de 13,4% no valor mínimo estimado para a produção de melão se comparado a agosto deste ano e de 16,7% em relação ao mesmo mês do ano passado. Dentre as estratégias adotadas para minimizar os efeitos da alta do dólar estão o planejamento estratégico dos gastos e antecipação das compras de insumos importados.

Enfraquecimento econômico ainda não afeta melonicultura

Produtores de melão relatam que o enfraquecimento da economia brasileira ainda não causou impacto significativo na comercialização da fruta. Por seu alto valor agregado, o melão é consumido com maior frequência pelas classes A e B, que, por enquanto, ainda não estaria sentindo, de maneira acentuada, os efeitos da crise. Porém, caso o cenário de instabilidade se acentue, poderá haver retração no consumo da fruta, e, conseqüentemente, menor obtenção de receita por parte de produtores. Com relação aos financiamentos, não há limitações para a obtenção de crédito, porém, as taxas de juro estão mais elevadas. Os investimentos com a cultura, por sua vez, deverão ser menores até o final do ano. A alta do dólar inviabiliza a compra de maquinário importado e há receio quanto à realização de investimentos elevados. Assim, produtores deverão investir apenas em insumos básicos, necessários para a manutenção das atividades de campo.



Calor em SP estimula demanda e eleva preço

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 na Ceagesp - R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepea



Leia o blog da HF Brasil e fique atualizado!
hortifrutibrasil.blogspot.com



Redução na colheita pode elevar preço

Oferta deve ser menor no ES e na BA em outubro

A oferta de mamão havaí deve ser menor em outubro, principalmente no Espírito Santo e no Sul da Bahia. Esse cenário está atrelado à finalização de colheita dos pés mais produtivos, com cachos maiores. Com isso, a partir de outubro, os preços podem subir. Em setembro, as altas temperaturas aceleraram a maturação do mamão havaí e a oferta aumentou. Dessa forma, o mamão havaí do Sul da BA se desvalorizou 14% em setembro em relação ao mês anterior, comercializado a R\$ 0,41/kg. Quanto ao formosa, o aumento da oferta em setembro não foi tão significativo, mas, ainda assim, o preço da fruta capixaba caiu 24% de agosto para setembro, negociada a R\$ 0,41/kg. Segundo produtores, a oferta de formosa pode ser ainda mais baixa que a de havaí a partir de outubro. A possibilidade de temperaturas mais elevadas nos próximos meses, no entanto, pode acelerar um pouco a maturação dos cachos que ainda estão se formando. No geral, produtores devem ficar atentos à incidência de ácaros, por conta do clima seco e quente.

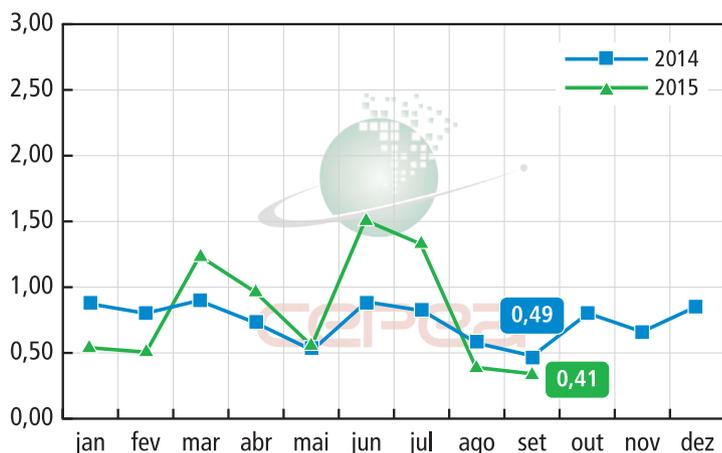
Produtores de havaí têm rentabilidade negativa

Em setembro, produtores de mamão havaí do Espírito Santo e do Sul da Bahia relataram dificuldades na comercialização da fruta. Além da maior oferta naquele mês, fator que já pressionou as cotações, a demanda esteve mais fraca, o que pode ser resultado do enfraquecimento

econômico do País. Para agravar a situação do produtor, os custos com insumos agrícolas estão crescendo, por conta da constante valorização do dólar. Além disso, o preço médio do mamão havaí do Sul da BA em setembro foi 18% inferior ao do mesmo mês de 2014 e 29% abaixo do valor mínimo estimado pelos produtores baianos para cobrir os custos com um quilo da fruta. No ES, o preço médio do mamão havaí em setembro esteve 18% inferior ao mínimo calculado por produtores para cobrir os custos de produção. A partir da segunda quinzena de outubro, a rentabilidade do produtor pode se recuperar tendo em vista que a oferta da fruta tende a reduzir, resultando em alta nos preços.

Exportações devem continuar crescentes

As exportações devem seguir crescentes nestes últimos meses do ano, principalmente os envios à Europa. Com o final das estações mais quentes no Hemisfério Norte, a disponibilidade de frutas de época é menor nos países daquela região. Dessa forma, a demanda por frutas aumenta. Além disso, a baixa demanda brasileira e os preços internos mais baixos têm incentivado produtores nacionais a exportar a fruta. O incentivo vem, também, da forte valorização do dólar frente ao Real. Por outro lado, as exportações de mamão aos Estados Unidos podem ser limitadas, por conta da concorrência com produtores do México e da Guatemala, que registram preços mais competitivos. Nesse contexto, produtores brasileiros, visando não perder o mercado norte-americano, reduziram o preço do mamão enviado aos EUA e, ainda assim, esses exportadores conseguem boa remuneração, devido ao câmbio favorável. De janeiro a setembro deste ano, o Brasil exportou 29,1 mil toneladas de mamão, volume 18% superior ao do mesmo período do ano passado, de acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (Secex). A receita em dólar foi de US\$ 32,5 milhões nesse período, 7,9% inferior na mesma comparação. Em Reais, no entanto, a receita soma R\$ 103 milhões, 27% superior à obtida de janeiro a setembro de 2014.



Calor acelera maturação do havaí e preço cai

Preços médios recebidos por produtores do Espírito Santo pelo mamão havaí, em R\$/kg

Fonte: Cepeca



Curta a página da HF Brasil no Facebook!

@revistahortifrutibrasil

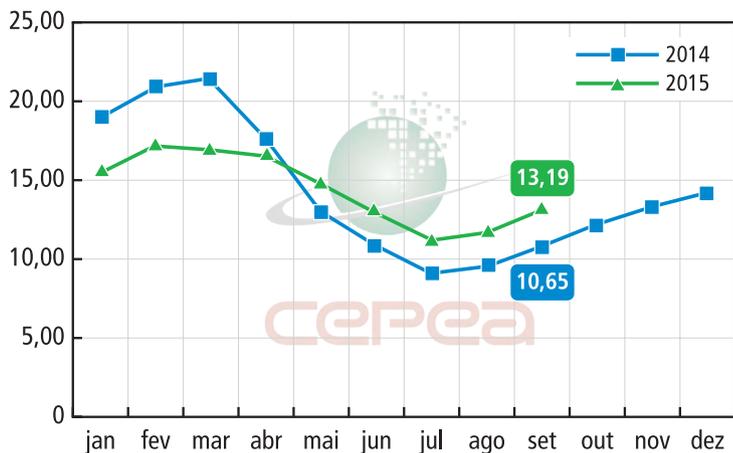


Novas floradas ocorrem nos pomares paulistas

As primeiras floradas de laranja ocorreram em agosto em alguns pomares do estado de São Paulo. Em setembro, novas aberturas foram verificadas, principalmente naquelas áreas onde quase ainda não havia flores, sendo que alguns pomares floriram no começo do mês e outros, após o dia 20. As primeiras impressões dos produtores são positivas, com floradas abundantes em praticamente todas as regiões. A maioria das áreas não teve problemas significativos com podridão floral (“estrelinha”) e, no geral, as flores foram consideradas boas, principalmente nos pomares em que a safra 2015/16 foi bastante prejudicada – as plantas que produziram pouco estavam “descansadas” e as florações foram mais expressivas. Ainda assim, mesmo para as florações de agosto, é cedo para avaliar o “pegamento” e para qualquer dimensionamento para a próxima safra paulista (2016/17). De início, o cenário é de otimismo, principalmente se o clima for ideal daqui para frente – com dias de chuva e sol intercalados. A preocupação geral no momento é com relação ao clima bastante quente e seco. Segundo o CPTEC (Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climatológicos), a previsão para os meses de outubro e novembro é de temperaturas acima da faixa normal climatológica.

Flórida deve colher apenas 80 milhões de cxs

Impactada pelo *greening*, que tem reduzido



Primeiras impressões das floradas são positivas

o calibre e aumentando a taxa de queda das frutas, a Flórida deve colher apenas 80 milhões de caixas na safra 2015/16, segundo o USDA, em sua primeira estimativa para a nova temporada. Este número representa queda de 17% em relação à safra passada, e surpreendeu agentes do setor, que esperavam um volume mais próximo das 90 milhões de caixas – as estimativas privadas projetaram 93,5 milhões de caixas (Elizabeth Steger) e 87 milhões de caixas (Louis Dreyfus Commodities). A principal preocupação é com a queda pré-colheita, visto que nos últimos anos as plantas iniciavam a safra apresentando bom vigor, mas perdiam as laranjas conforme avançava a maturação. Com relação ao censo de plantas na Flórida, segundo o USDA, em 2015, há 59,6 milhões de pés de laranja no estado, redução de 1,6% em relação ao ano passado. Em produção, foram contabilizadas 54,4 milhões de árvores, queda de 2,7% no mesmo período. As plantas novas, contudo, aumentaram 11,5% no ano, podendo representar reflexo de replantios devido ao *greening*.

Preço de tahiti deve continuar em alta

A lima ácida tahiti segue valorizada no mercado paulista, e esse cenário tende a se manter positivo. Segundo produtores, em setembro, a oferta já foi limitada, e deve ser ainda menor nos meses de outubro e novembro. Desta forma, a expectativa é que nestes meses sejam registradas as maiores cotações nominais do ano, a exemplo do que aconteceu no ano passado. Porém, pode aumentar a participação de frutas de outros estados em São Paulo, principalmente da Bahia e de Minas Gerais, e colaboradores têm dúvidas se a entrada de tahiti dessas regiões pode limitar a valorização da fruta paulista. Com a previsão de preços firmes no mercado interno, as exportações de limões e limas devem ser baixas nos próximos meses, mas ainda assim, podem atingir volume recorde anual. Segundo a Secex, o Brasil embarcou 79,2 mil toneladas de limões e limas entre janeiro e setembro deste ano, aumento de 3,8% em relação aos mesmos meses de 2014.



Pera sobe pelo segundo mês seguido

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja pera - R\$/cx de 40,8 kg, na árvore

Fonte: Cepea



Leia o blog da HF Brasil e fique atualizado!
hortifrutibrasil.blogspot.com



Venda de fuji deve ganhar ritmo neste mês

Com a finalização dos estoques de maçã gala, o foco das vendas deve se voltar para a fuji a partir de outubro. Embora produtores tenham antecipado o escoamento de um maior volume da variedade para o início de agosto, a preferência do consumidor pela gala fez com que a fuji ficasse em segundo plano. Para evitar a queda nos preços da fuji, produtores devem elevar gradativamente as cotações da gala, favorecendo a procura pela primeira. Ao longo de setembro, foram identificados problemas de senescência em alguns lotes de gala e de podridão carpelar na fuji, porém, no geral, a qualidade segue satisfatória e superior à observada na última safra. Apesar da melhor qualidade, produtores estão destinando um maior percentual de maçãs à indústria, neste ano. Historicamente, o volume enviado para processamento, em setembro/outubro é de 15%. Em 2015, porém, cerca de 25% da produção tem sido destinada à indústria.

Importações recuam na parcial do ano

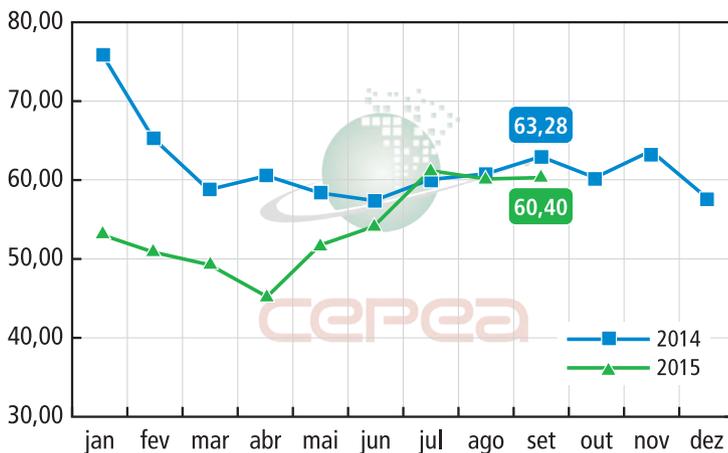
As importações de maçã foram 37% menores de janeiro a setembro deste ano em relação aos nove primeiros meses de 2014, totalizando 48,8 mil toneladas, segundo a Secex. Com a expressiva valorização do dólar frente ao Real, o cenário é desfavorável para as compras externas. Além disso, com a melhor qualidade da fruta brasileira, não houve tanta neces-

sidade de se buscar frutas no exterior. Na parcial do ano, o Chile liderou o ranking de fornecedores do Brasil, sendo responsável por 54% do volume total. Em segundo lugar ficou a Argentina, com 30% do total. Esse cenário, porém, elevou o preço das maçãs importadas. Com a reduzida oferta da maçã red argentina nos boxes das ceasas, as cotações foram 12,1% maiores em setembro frente ao mesmo período do ano passado, sendo comercializada à média de R\$ 90,00/cx de 19 kg na Ceagesp. Maleicultores indicam a possibilidade de importação da variedade gala de Portugal nos próximos meses, uma vez que os estoques brasileiros da variedade estão reduzidos. Mesmo assim, o Brasil deve fechar o ano com importação abaixo da de 2014.

Geadas e granizos afetam florada

Maleicultores das principais regiões produtoras da fruta no Sul do País avaliam os prejuízos do frio intenso e das chuvas de granizo excessivas ocorridos em meados de setembro. Segundo ABPM, as perdas são mais significativas em regiões de menores altitudes, uma vez que as temperaturas são geralmente mais altas e as macieiras sentiram mais o impacto do frio repentino. Em localidades elevadas, por outro lado, as perdas na safra de maçã não devem chegar a 10%. Pomares que ainda não haviam apresentado quebra de dormência na ocasião também foram menos impactados. Para os que tiveram brotação antecipada, porém, os efeitos da geada deverão ser acompanhados na florada, para uma avaliação mais precisa. Produtores relataram a ocorrência do abortamento de flores, mas acreditam que não haverá redução significativa de produtividade da nova safra. Para agentes do setor, o impacto da geada deverá ser maior para as frutas de caroço, para as quais eram esperadas safras cheias neste ano. Com esse possível cenário, a maçã poderá ganhar mais espaço no mercado. Previsões de chuvas acima da média para outubro no Sul mantêm produtores em alerta, uma vez que as precipitações podem atrapalhar a ação de agentes polinizadores, impedindo a fecundação das flores e a produção dos frutos.

Com estoques de gala em baixa, fuji se destaca



Menor oferta reflete em maior preço na Ceagesp

Preço médio de venda da maçã gala Cat 1 (calibres 80 -110) na Ceagesp - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepepa



Curta a página da HF Brasil no Facebook!

@revistahortifrutibrasil



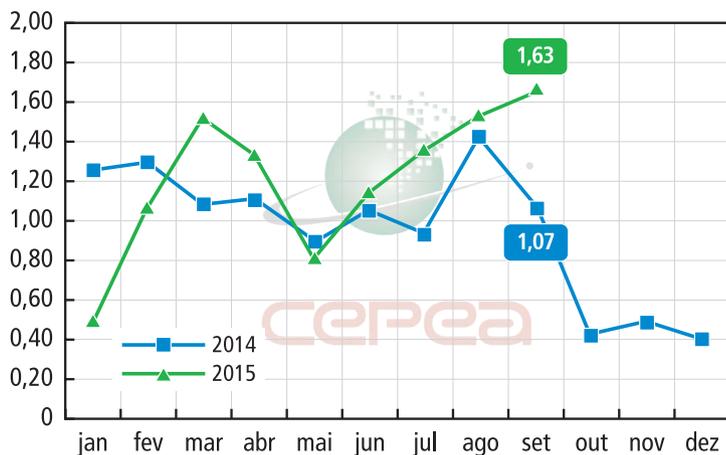
Com menor volume, preço da manga bate recorde

Exportações ajudam a diminuir oferta interna

O preço médio da manga *tommy* na Ceagesp de janeiro a agosto deste ano é o mais alto desde 2006 na série histórica do Cepea, em termos reais – em 9 anos (2006 e 2015) a valorização foi de 16%. Além disso, em agosto, os preços da *tommy* e da *palmer* foram os maiores registrados no ano – R\$ 3,09/kg e R\$ 3,45/kg, respectivamente. O principal motivo é a baixa oferta nacional nos últimos tempos. Desde 2013, a produtividade tem sido menor que o potencial da cultura nas principais regiões produtoras – reflexos do clima. Além disso, como o cenário externo está mais atrativo e os produtores têm se adequadado cada vez mais às normas de exportação, a procura pela manga brasileira tem aumentado. Assim, as exportações têm demandado grande parte do volume da fruta produzida pelo Brasil, reduzindo a oferta no mercado interno e, consequentemente, aumentando os preços. Porém, apesar da valorização da fruta, os custos de produção também aumentaram significativamente este ano, o que deve impactar na rentabilidade da fruta.

Oferta nacional deve aumentar e frear a alta nos preços

A oferta de *tommy* deve aumentar a partir de outubro em Livramento de Nossa Senhora (BA), seguindo até novembro. Como neste período a produção no Vale do São Francisco também deve crescer e as praças paulistas darão início à safra 2015/16,



a tendência é que a oferta nacional de manga aumente, contendo a alta de preços observada nos últimos meses. Até setembro deste ano, o menor volume produzido pelo Vale impulsionou as cotações da manga, com reflexos também em outras regiões. Além disso, as exportações têm demandado grande parte do volume de manga produzido pelo Vale, reduzindo ainda mais a oferta no mercado interno. Assim, as mangas de Jaíba/Janaúba, do Norte de Minas Gerais e de Livramento de Nossa Senhora (BA) ganharam ainda mais espaço no mercado nacional. De abril a setembro, a *palmer* do Norte de MG foi negociada, em média, a R\$ 1,7/kg, 12% acima do mesmo período do ano passado. Contudo, pela primeira vez a cotação da variedade ficou estável na região durante todo o mês de agosto. Segundo produtores, um aumento nos preços poderia causar retração nas vendas da fruta. Quanto à Livramento, a manga apresenta qualidade superior a 2014 e a cotação média da *palmer*, entre abril e setembro, ficou 12% acima do ano passado. Já a variedade *tommy* teve aumento de 20%, na mesma comparação.

Programa de combate à mosca-da-fruta deve beneficiar Vale

Em setembro foi criado o Programa Nacional de Combate à mosca-da-fruta no Vale do São Francisco. Seu objetivo é ampliar a competitividade da fruticultura na região, entre elas, manga, uva e melão. A iniciativa é do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), em parceria com a Associação Brasileira dos Produtores Exportadores de Frutas e Derivados (Abafrutas). A praga é uma das que mais afeta a fruticultura no Brasil, causando prejuízos de até US\$ 120 milhões por ano, impedindo que a fruta brasileira conquiste novos mercados. Até 2018, R\$ 128 milhões serão investidos em laboratórios de combate a pragas, técnicas de manejo, compra de insumos, contratação de técnicos de extensão rural e aprimoramento de qualificação profissional. Países como Austrália já possuem políticas para prevenir, detectar e erradicar esta praga e, nos últimos dez anos, os surtos caíram até 54% na localidade.



Preço sobe mesmo com aumento na oferta

Preços médios recebidos por produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) pela *tommy atkins* - R\$/kg

Fonte: Cepea



Leia o blog da HF Brasil e fique atualizado!
hortifrutibrasil.blogspot.com



ENTREVISTA: Marcelo Cazzaroto

“O PRODUTOR CRESCE NA CRISE: É PRECISO ENFRENTÁ-LA PARA PODER CRESCER”

Marcelo Cazzaroto é formado em medicina veterinária pela Fundação de Ensino Octávio Bastos (UNIFEOB), de São João da Boa Vista (SP). Marcelo também é produtor de batata há 17 anos, com seu pai, que já está na atividade há 40 anos. Foi presidente da Associação de Bataticultores de Vargem Grande do Sul (ABVGS) por duas gestões e, agora, é vice-presidente. Marcelo também já integrou a diretoria da Cooperativa dos Bataticultores da Região de Vargem Grande do Sul (Cooperbatata).

Hortifruti Brasil: Em nosso estudo, verificamos que é comum um produtor que cultiva em torno de 350 hectares em Vargem Grande do Sul ter beneficiadora, produção de sementes própria e fazer a colheita 100% mecanizada, ao contrário daquele que produz até 100 hectares. Esse é o perfil comum dos produtores da região?

Marcelo Cazzaroto: Sim. Para que um produtor se mantenha competitivo na atividade hoje, pelo menos na nossa região, é imprescindível que ele busque alternativas que reduzam o custo de produção. As alternativas são principalmente mecanizar as atividades, ter produção própria da semente bem como o beneficiamento do tubérculo. Para isso, o produtor precisa aumentar a escala de produção ou, ainda que se mantenha de tamanho médio, ter um modelo próximo ao do grande produtor. Também há produtores que fizeram sociedade com outros dois ou três para implantação de uma beneficiadora. Com essas medidas, o produtor não precisa aumentar a escala de produção para ter um modelo que economiza custos.

HF Brasil: Concluimos que a mecanização e a integração das etapas de produção reduzem sobretudo os custos com mão de obra. Seria esse o principal ganho?

Cazzaroto: Sim. Com a mecanização é possível reduzir os custos com mão de obra, mas não é só isso. Mecanizando, temos um quadro mais enxuto de funcionários e o produtor consegue selecionar os de maior qualidade e fidelizá-los via contratação. Com isso, os reajustes dos salários não seguem fielmente a proporção do salário mínimo e acaba variando mais de acordo com a oferta de mão de obra. Além dos custos com trabalhadores, integrando a produção do tubérculo com as etapas de produção de semente e beneficiamento, o produtor também consegue reduzir os custos de beneficiamento e de compra da semente de terceiros.

HF Brasil: Em qual momento a escala torna o produtor mais competitivo?

Cazzaroto: Acredito que na comercialização. A escala permite que ele tenha uma produção mais regular e, com isso, mantém uma clientela fiel. Claro que isso vai depender da gestão e da tomada de decisão de cada um.

HF Brasil: A tendência de concentração da produção em grandes propriedades é recente. Qual a explicação?

Cazzaroto: O produtor cresce na crise: é preciso enfrentá-la para poder crescer. Nos anos de preços ruins, o produtor que teve uma boa gestão conseguiu se manter viável e aproveitar os anos bons, proporcionando crescimento ao negócio.

HF Brasil: A atual crise econômica brasileira está afetando a bataticultura?

Cazzaroto: Sim. As vendas estão mais travadas neste ano. A crise só não causou um impacto severo porque a oferta foi menor neste ano e, com isso, os preços estiveram em bons patamares durante toda a safra. A crise também refletiu em alta nos custos de produção, mas de forma menos acentuada, visto que quando houve as maiores altas do dólar, combustíveis e energia elétrica, o produtor já estava com toda sua programação feita, com boa parte dos insumos comprados. Mas, no próximo ano, os impactos serão muito mais acentuados, que é quando o produtor da nossa região irá absorver as maiores altas. Além do aumento dos custos, em 2015, há maior dificuldade na captação de crédito. Para alguns produtores, acredito que, no ano que vem, nem haverá crédito, principalmente nos bancos e mais ainda se for por linhas de financiamento subsidiadas pelo governo.

HF Brasil: O senhor ou outros produtores estão procurando insumos mais baratos (fertilizantes e defensivos) em função do acentuado aumento que houve neste ano?

Cazzaroto: Acredito que produtores mais conscientes não buscam insumos mais baratos, mas, sim, um uso mais racional, utilizando agricultura de precisão, por exemplo. Procuro manter a qualidade do insumo que aplico, utilizando de forma mais racional.

HF Brasil: Com novos aumentos dos custos previstos entre o final deste ano e início do próximo, qual será a tomada de decisão do produtor?

Cazzaroto: Não vai mudar muita coisa. O produtor tem sempre e vai plantar. Talvez o impacto venha em safras futuras.



ENTREVISTA: Marcos Roberto Franco

“DIANTE DO AUMENTO DOS CUSTOS, RESTA PRODUZIR DE FORMA MAIS EFICIENTE”

Marcos Roberto Franco é produtor de batata há 22 anos no Sul de Minas Gerais. Começou a produzir aos 13 anos, com seu pai, que já era produtor de batata.

Hortifruti Brasil: Em nosso estudo, avaliamos dois perfis de produção típicos do Sul de Minas: um da safra das águas (8 ha) e outro da de inverno (20 ha). Concluímos que a propriedade típica de 20 hectares tem custos mais enxutos que a de 8 hectares. Esse resultado faz sentido para o senhor?

Marcos Roberto Franco: Sim, e isso, na minha opinião, acontece por conta da maior mecanização. O aumento da escala de produção permite que o produtor invista mais na compra de máquinas e em irrigação. Além disso, normalmente se consegue melhor produtividade no inverno, o que acaba reduzindo o custo unitário. Porém, não é regra. Há períodos no verão em que a produtividade é melhor e, no inverno, menor.

HF Brasil: Por que a escala de produção no inverno é maior que no verão?

Franco: Acho que as regiões de plantio influenciam. Para se produzir no verão, é necessário plantar nas áreas mais altas, onde estão produtores com perfil mais familiar. Esses produtores muitas vezes não têm capital, crédito e/ou estrutura para expandir suas áreas. Entretanto, há muitos produtores da safra verão que têm escalas de produção bem maiores que esse perfil típico.

HF Brasil: Em geral, qual produtor tem se capitalizado mais: o que produz no verão ou no inverno?

Franco: Acho que não tem uma regra. Varia muito, sobretudo em função dos preços de venda, mesmo quando são avaliados produtores que têm a mesma estrutura de produção. Muitas vezes, os preços no verão estão bem melhores que no inverno, mas às vezes a produtividade está comprometida e, mesmo com preços altos, o produtor não consegue recuperar seu investimento.

HF Brasil: O que faz um produtor decidir se planta em uma safra, em outra ou se no ano todo?

Franco: A capacidade de investimento. Aquele que produz no verão muitas vezes não tem condições de investir

em outras safras, sobretudo no inverno, quando é necessário irrigação. Já aquele que cultiva no inverno muitas vezes não está disposto a buscar áreas para produzir no verão. As áreas de inverno e de verão no Sul de Minas são em locais distintos. As áreas de verão ficam em regiões mais altas, enquanto as de inverno, em regiões mais baixas. É comum o produtor preferir se manter próximo ao seu local de origem, com apenas uma ou duas safras. Há também casos de produtores que optam por plantar o ano todo, pois, com isso, consegue aumentar a escala, mecanizar mais e estar o tempo todo no mercado, evitando ofertar em um só período do ano que pode ser mais suscetível a problemas com preço ou produtividade.

HF Brasil: Como a atual crise econômica no Brasil tem afetado a bataticultura da região?

Franco: De diversas formas. Acho que a principal delas é o aumento dos insumos em função do dólar mais alto. Também vem ocorrendo muita dificuldade na obtenção de crédito, que está escasso e bem mais caro. Muitos produtores não estão conseguindo junto a bancos. As revendas de insumos mantêm o crédito para compra de insumos a prazo, pois as vendas caíram e estão precisando vender, mas as taxas cobradas também estão mais altas.

HF Brasil: Com novos aumentos dos custos previstos para este final deste ano e início do próximo, qual será a tomada de decisão do produtor?

Franco: Muitos produtores poderão deixar de plantar batata devido ao elevado aumento dos insumos e pela dificuldade de crédito. Diante dessas dificuldades, resta produzir de forma mais eficiente, com boa produtividade, qualidade e buscando meios que racionalizem seus custos. Acredito que o principal impacto de toda essa crise ainda está por vir. Nesta safra, embora já haja muita dificuldade para plantar, a maioria ainda consegue, havendo inclusive aumento de área na região. No entanto, são os resultados que irão determinar o futuro do bataticultor na região. ■

Na teoria,
a tecnologia
do futuro.
Na prática,
maior proteção
e qualidade hoje.



TUCARÉ | COM São Paulo

A força da natureza a favor da qualidade.

Serenade é o fungicida e bactericida biológico da Bayer. Com formulação diferenciada, pronta para o uso e de fácil manejo, além de controlar efetivamente as doenças, Serenade ativa a defesa das plantas melhorando o desenvolvimento e a sanidade e produzindo frutas e hortaliças sem resíduos, com alta qualidade e mais saudáveis. Serenade possui carência zero, permitindo maior flexibilidade entre a aplicação e a colheita. Adicionar Serenade ao seu manejo é ter carência zero e qualidade máxima.

Serenade.
Eficiência sem carência.

ATENÇÃO

Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

**CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO**



Faça o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.
Uso exclusivamente agrícola.



Bayer CropScience

Se é Bayer, é bom

A produtividade é música
para os seus ouvidos.
Orkestra™ SC
para múltiplas culturas em HF.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO,
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Incluir outros métodos de controle dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Uso exclusivamente agrícola. Estado do Paraná liberado apenas para a cultura da soja. Registro MAPA nº 08813.

O fungicida ideal para o manejo de resistência e controle das mais importantes doenças nas lavouras de HF.

☎ 0800 0192 500

📘 facebook.com/BASF.AgroBrasil

www.agro.basf.com.br

150 anos

 **BASF**

We create chemistry

Dominador,
esse dá show em
qualquer campo.



Tomate híbrido

DOMINADOR F1

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

Mala Direta Postal

Básica

0000/2012 - DR/XXXXYY
Cliente

...CORREIOS...

IMPRESSO

Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ

Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829

e-mail: hfcepea@usp.br



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

NOVA studio

Tomate híbrido

DOMINADOR F1

- Alta resistência ao TYLCV (Geminivírus)
- Excelente sanidade de plantas
- Frutos uniformes
- Resistências: Fol: o, 1, For, Ma, Mi, Mj, ToMV, TYLCV, Va e Vd



ASSISTA AO NOVO
VÍDEO INSTITUCIONAL
DA AGRISTAR.

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

Tel.: 24 2222 9000
www.AGRISTAR.com.br

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429.8808 Fax: (19) 3429.8829
E-mail: hfcepa@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil